

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO
MEIO AMBIENTE**

GUILHERME FERREIRA PEREIRA

**ANTES DO SOL SE PÔR: A ABORDAGEM DA MORTE E DO MORRER NO
CURRÍCULO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM.**

VOLTA REDONDA-RJ

2024

GUILHERME FERREIRA PEREIRA

**ANTES DO SOL SE PÔR: A ABORDAGEM DA MORTE E DO MORRER NO
CURRÍCULO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, na Linha de Pesquisa em Ensino em Ciências da Saúde do Centro Universitário de Volta Redonda/UniFOA, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Discente:
Guilherme Ferreira Pereira

Orientadora:
Profa. Dra. Bruna Casiraghi.

VOLTA REDONDA- RJ

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Alice Tação Wagner - CRB 7/RJ 4316

P436a Pereira, Guilherme Ferreira
Antes do sol se pôr: a abordagem da morte e do morrer no currículo de graduação em enfermagem. / Guilherme Ferreira Pereira. - Volta Redonda: UniFOA, 2024. 105 p.

Orientador (a): Profa. Dra. Bruna Casiraghi

Dissertação (Mestrado) – UniFOA / Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, 2024.

1. Ciências da saúde - dissertação. 2. Morte. 3. Enfermagem - ensino. I. Casiraghi, Bruna. II. Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título.

CDD – 610

FOLHA DE APROVAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Guilherme Ferreira Pereira

**ANTES DO SOL SE PÔR: A ABORDAGEM DA MORTE E DO MORRER NO
CURRÍCULO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

Orientadora:

Profª. Drª. Bruna Casiraghi

Banca Examinadora

Bruna Casiraghi

Profª. Drª. Bruna Casiraghi

Clarides Henrich de Barba

Prof. Dr. Clarides Henrich de Barba

Adilson Pereira

Prof. Dr. Adilson Pereira

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho a todas as pessoas que vivenciaram a experiência difícil e dolorida de acompanhar o processo de finitude de um ente querido; aos profissionais da saúde, em especial os profissionais da Enfermagem, que na oferta dos cuidados em saúde, vivenciam diariamente a doença, o adoecer, o sofrimento, a angústia, a dor, o morrer e a morte de pacientes. O caminho da finitude, é um caminho árduo e angustiante para todos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pelo presente da vida que Ele me concedeu tão generosamente até o presente momento.

Aos meus colegas, amigos e familiares que sempre me incentivaram a acreditar em mim e me possibilitaram apoio psicológico, moral, espiritual e material nos meus momentos de dúvidas, de angústias, de medo, de inseguranças, fragilidades e fraquezas.

À instituição ao qual faço parte, pelo incentivo, pelo apoio, pela oportunidade que me foi concedida, de poder ampliar meus horizontes de vivências e aprendizagens, como pessoa e como profissional.

Aos meus colegas e amigos de curso, pelos momentos compartilhados de divergências, de concordâncias, de acolhimentos, e sobretudo de aprendizagens, de trocas de conhecimentos, experiências e saberes.

Aos meus professores do curso, em especial a minha orientadora, pelo acolhimento, pelo apoio, pelas orientações, pelos aprendizados, sem o qual esse trabalho não seria possível.

A todos os funcionários da Biblioteca Central/UniFOA, pelo acolhimento, pela paciência, por toda a ajuda, para que eu pudesse realizar minhas leituras, para a realização do presente trabalho.

Aos funcionários do Laboratório de Informática/UniFOA pelo apoio, pela ajuda, na escrita deste texto. Pois minhas limitações com o uso das tecnologias são enormes, mas graças a eles, conseguir vencer muitos obstáculos.

À Coordenação do Curso de Mestrado, na pessoa do Coordenador e das secretárias, muito obrigado, pelo acolhimento, pelo apoio, pela dedicação em todos os momentos.

A todos vocês, minha eterna gratidão.

EPÍGRAFE

“As flores brotam, e morrem.
As estrelas brilham, mas um dia se apagaram.
Tudo morre.
A Terra, o Sol, a Via Láctea e até mesmo todo este Universo, não é exceção.
Comparado a isto, a vida do homem é tão breve e fugidia, quanto um piscar de um
olho.
Neste curto instante,
os homens nascem, crescem, riem, choram,
lutam, adoecem, sofrem,
festejam, lamentam,
odeiam pessoas e amam outras.
Tudo é transitório.
E em seguida,
todos caem no sono eterno, chamado morte.”

Shaka de Virgem, Série Cavaleiros do Zodíaco, 1987.

RESUMO

Muitas angústias marcam a existência humana, mas nenhuma delas, é mais antiga e profunda que a morte e o morrer. Diante desse contexto, a presente pesquisa teve como objetivo a investigação sobre os conhecimentos e/ou saberes que os profissionais da Enfermagem possuem sobre essa temática com vistas a elaboração de produto educacional para os profissionais de Enfermagem. Por meio de uma pesquisa de caráter qualitativo e descritivo, utilizou-se para a coleta de dados o questionário semiestruturado, seguido da análise do conteúdo produzido. Como resultado, evidenciou-se a limitação de conhecimentos na formação acadêmica desses profissionais sobre as múltiplas dimensões que a temática da morte e do morrer apresenta. A pesquisa apontou que os sentimentos de medo, insegurança, incapacidade, angústia, ansiedade, fragilidade e pânico, presentes nestes profissionais face à vivência do processo de finitude. Associada a esta etapa da pesquisa, procedeu-se à pesquisa documental, analisando-se as Diretrizes Curriculares Nacionais DCNs e o projeto pedagógico curricular do curso de graduação em Enfermagem da Instituição de Ensino Superior IES, campo de pesquisa. Como resultados, verificou-se a necessidade de adequação dos projetos pedagógicos e planos de ensino para abordagens educativas acerca da compreensão do fenômeno da morte e do processo do morrer. Por fim, foi elaborado um produto educacional, no formato de Sequência Didática, voltado para os profissionais de Enfermagem como proposta de Formação Continuada, sendo este avaliado e validado por banca de juízes especialistas, possibilitando apresentação em versão final.

Palavras-chave: Morte; Ensino; Enfermagem.

ABSTRACT

Many anxieties deeply mark human existence, but none of them are older and deeper than death and dying. Given this context, the present research aimed to investigate the knowledge and/or knowledge that Nursing professionals have on this topic with a view to developing an educational product for Nursing professionals. Through qualitative and descriptive research, a semi-structured questionnaire was used to collect data, followed by analysis of the content produced. As a result, the limited knowledge in the academic training of these professionals regarding the multiple dimensions that the theme of death and dying presents was evident. The research pointed out that feelings of fear, insecurity, incapacity, anguish, anxiety, fragility and panic, present in these professionals when faced with the experience of the process of finitude. Associated with this stage of research, documentary research was carried out, analyzing the National Curricular Guidelines DCNs and the pedagogical project of the undergraduate nursing course at the Higher Education Institution IES, the research field. As a result, there was a need to adapt pedagogical projects and teaching plans for educational approaches to coping with death. Finally, an educational product was prepared, in the format of a Didactic Sequence, aimed at nursing professionals as a Continuing Training proposal, which was evaluated and validated by a panel of expert judges, enabling presentation in a final version.

Keywords: Death; Teaching; Nursing.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|--|
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CES | Câmara de Educação Superior |
| CNE | Conselho Nacional de Educação |
| CNS | Conselho Nacional de Saúde |
| COFEN | Conselho Federal de Enfermagem |
| DCN | Diretrizes Curriculares Nacionais |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| PE | Produto Educacional |
| PPC | Projeto Pedagógico do Curso |
| SD | Sequência Didática |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |

LISTA DE QUADRO E TABELAS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Artigos da Revisão Integrativa..... | 46 |
| Tabela 1: Aplicação do Questionário aos Enfermeiros..... | 55 |
| Tabela 2: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 01..... | 73 |
| Tabela 3: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 02..... | 74 |
| Tabela 4: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 03..... | 74 |
| Tabela 5: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 04..... | 75 |
| Tabela 6: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 05..... | 76 |
| Tabela 7: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 06..... | 77 |
| Tabela 8: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 07..... | 77 |
| Tabela 9: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 08..... | 78 |
| Tabela10: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 09..... | 78 |
| Tabela11: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 10..... | 78 |
| Tabela12: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 11..... | 78 |
| Tabela13: Resultado da Avaliação dos Juízes do PE. Questão 12..... | 79 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 19 |
| 3 PERCURSO METODOLÓGICO..... | 39 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 45 |
| 5 PRODUTO EDUCACIONAL..... | 62 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 81 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 86 |
| ANEXOS..... | 94 |

1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista biológico, a morte constitui-se em um fato natural, em todos os organismos, dos mais simples aos mais complexos. Para o homem, que é um ser vivo, pertencente ao reino dos animais, a realidade também não se configura de forma diferente, mas com um diferencial, dentre todos os animais, é o único que tem capacidade de atribuir significado simbólico à sua existência e, sobretudo, de sua morte, de sua finitude, enquanto ser vivo (Mutschele; Moretto, 2021; Penairol, 2022). Desta forma, observamos que os ciclos da vida obedecem ao percurso natural de todos as formas de vida, e de todos os seres vivos. Portanto, a morte é uma realidade a ser enfrentada por todos, e precisa ser entendida de maneira a ser mais aceita e compreendida.

Ao ser capaz de pensar a morte, seja sua própria morte ou a morte do outro, isso produz no homem uma nuvem de pensamentos e atitudes geralmente negativas como: sofrimento, angústia, dor, pesar, tristeza, medo, fuga, entre tantos outros. A morte e o morrer é uma realidade universal, comum em todas as sociedades, seja ela oriental ou ocidental, sendo que pensar a morte e o morrer sempre representa o fim (Francisco, 2022).

No entanto, o tema da morte não pode ser encarado somente como um fato biológico, intrínseco ao desenvolvimento humano (Brandi; Aurnaier, 2023), mas que também é, sobretudo, um processo, um fenômeno construído social e culturalmente pelo homem ao longo de sua história.

Na antiguidade, as crenças sobre a morte variavam de acordo com as culturas e religiões. Os egípcios, por exemplo, acreditavam na vida após a morte e, por isso, realizavam rituais de mumificação para preservar o corpo e garantir a continuidade da alma na outra vida (Borges, 2019). Já os gregos viam a morte como algo inevitável e acreditavam que a alma seguia para o Hades, o reino dos mortos (Oliveira, 2022).

Através das grandes religiões monoteístas, como o cristianismo, o islamismo e o judaísmo, a morte passou a ser vista como um momento de transição para outra vida, seja ela, a vida eterna ou a reencarnação (Fiod Júnior, 2021). A partir da Idade Média, a morte ganhou uma conotação mais compreensiva, e passou a ser vista como um castigo divino para os pecados cometidos em vida.

Com o advento da modernidade, a morte passou a ser estudada não apenas sob uma perspectiva religiosa, mas também sob uma perspectiva científica. A medicina e a biologia buscaram entender as causas que levavam à morte e desenvolver técnicas capazes de prolongar a vida humana (Soledade, 2021).

Ao adentrarmos na compreensão da história da morte, observamos que ela é complexa e multifacetada, refletindo as crenças, os valores e as preocupações de cada época e cultura (Villaça, 2020). O tema continua a desafiar nossa compreensão e nos inspira a buscar respostas para perguntas profundas que marcam a nossa forma de existir.

Esta temática vem sendo discutida, analisada e vivenciada de maneiras diversas no decorrer da história por diferentes áreas do conhecimento. A área da saúde, contudo, é a que possui maior contato com o processo de morte e morrer e, por isso, necessita de atenção especial (Lima Borba et al., 2022).

Nesse sentido, considerando a sua historicidade, os primeiros estudos sobre a temática da morte e do morrer datam aproximadamente do ano de 1903, com os trabalhos do cientista russo Élie Metchnikoff, biólogo com grande destaque devido aos seus trabalhos em microbiologia, com ênfase para sua descoberta sobre o processo celular de fagocitose (Maniakas, 2020). Em seus estudos, Metchnikoff propôs que os estudos sobre a morte mereciam uma atenção sistemática, para que, dessa forma, as ciências da vida pudessem se completar enquanto ciência. De posse desse argumento, Metchnikoff defendeu a criação de uma disciplina científica dedicada ao estudo da morte e do morrer humano (Antonucci, 2022). Para o biólogo russo, aqueles que estavam morrendo tinham poucos ou nenhum recurso para a experiência de morrer e que um estudo acadêmico sobre a temática iria ajudar aqueles que enfrentam a morte a ter uma melhor compreensão do fenômeno e reduzir o medo (Maniakas, 2020).

As representações sociais sobre a morte e o processo de morrer não resultam apenas da finitude biológica da vida, mas constituem um processo de interpretação socialmente construída e partilhada em diferentes contextos históricos, sociais e culturais (Soledade; Souza, 2021). Nesse sentido, assim como outros fenômenos da vida social, as distintas leituras sobre o processo da morte e do morrer têm instigado, ao longo dos tempos, diferentes interpretações e influenciado o modo de seu enfrentamento, bem como as formas de assistência ao moribundo (Zangari; Machado; Paiva, 2023.).

A morte é um fenômeno inerente à vida e tem sido objeto de estudo e reflexão ao longo da história da humanidade. Desde os primórdios, o homem tentou compreender o significado da morte e encontrar formas de lidar com ela (Borges et al, 2021). O conceito ou a definição biológica de morte ainda carrega muitas dúvidas e controvérsias dentro das ciências da saúde, no entanto, é consenso que a morte representa um processo em que as funções biológicas do organismo paralisam ao ponto de tornar-se irreversível, independente dos meios que se possa empregar para tentar reverter.

Outro aspecto que se modificaram ao longo do tempo, devido aos avanços das técnicas e das tecnologias empregadas na área médica, são os critérios utilizados para se definir a morte do indivíduo (Jonas, 2014). Até o final do século XIX, a determinação da morte baseava-se na parada respiratória total do indivíduo (San-Bento, 2021), no entanto, com os avanços nos estudos biológicos com a descoberta da circulação sanguínea e da auscultação, o critério de morte passou a ser a parada cardiorrespiratória. Posteriormente, com o desenvolvimento dos ventiladores e dos cuidados intensivos na metade do século XX, foi possível manter artificialmente as funções cardiorrespiratórias, levando assim, novamente, a mudanças nos critérios de morte (Oliveira Geraldes, 2021). Na metade do século XX, anos 50, definiu-se a morte cerebral global ou holocerebral, situação clínica em que o indivíduo perdeu a função cerebral total ou se tinha perdido definitivamente a função do tronco cerebral (Jasper, 2021).

Chegamos ao século XXI tendo como critérios de morte mais recente a morte cerebral superior ou neocortical, aquela cujo indivíduo perdeu totalmente as funções cerebrais superiores como a consciência, a cognição e as emoções, ainda que mantenha o funcionamento as funções corporais da respiração e os ciclos de sono-vigília (Rodriguez, 2021).

Ao pensarmos na morte e o morrer como um fato natural, uma realidade comum a todos os homens, perceberemos que nos dias atuais esse tema é ocultado dos espaços sociais como a casa, a escola, a igreja, o trabalho, e as pessoas procuram em todos os momentos fugir, negar, omitir, ocultar esse tema de suas realidades (Chagas, 2018). Portanto, a morte e o morrer é um tema interdito nas sociedades contemporâneas, sobretudo nas sociedades ocidentais. Considerando esse comportamento e as atitudes dos homens contemporâneos diante do fenômeno da morte e do morrer, quando eles se deparam com esse momento, passa a vivenciar

uma profunda dor, uma angústia; porque não foi preparado, educado, para vivenciar essa fase final e natural da vida (Fiorindo, 2018). Essa realidade não difere para os profissionais da saúde, sobretudo os enfermeiros, que lidam diretamente com a morte e o morrer dos pacientes. Essa experiência perfaz por gerar neles a angústia, a dor, o sofrimento, o sentimento de fracasso, de incapacidade, por não conseguirem manter vivo o paciente; mesmo com todo o aparato de recursos tecnológicos e a imensa quantidade de medicamentos disponíveis (Araújo, 2021).

Estudos indicam que o tema da morte e do morrer tem sido negligenciado, em todas as esferas da sociedade, com ênfase sobretudo, nas instituições de ensino, sejam elas esfera pública ou da esfera privada, desde a escola do ensino básico até as faculdades e universidades (Matos, 2021). A dificuldade de lidar com a temática da morte e do morrer é de cunho global, mais fortemente evidenciado nas sociedades ocidentais.

É nos hospitais onde a morte e o morrer faz-se real e mais presente (Arantes, 2018), portanto são as equipes de saúde, por meio do seu trabalho diário, que vivenciam mais de perto a relação com finitude humana. Dentro das equipes de saúde, são os profissionais da Enfermagem que mantêm um contato mais próximo, mais direto e prolongado com os pacientes, sobretudo os pacientes terminais (Miranda, 2019).

O despreparo dos profissionais ao lidarem com o processo de finitude, resultado da forma como a temática é, ou não, abordada durante a formação acadêmica, indica a necessidade de se expandir o espaço para a informação, discussão e reflexão sobre este processo tão complexo, de forma a oportunizar aos futuros profissionais uma compreensão mais profunda da morte e do morrer (Santos et al., 2020).

Este estudo se torna relevante para repensar a formação oferecida aos profissionais de saúde, em especial aos enfermeiros, para que possam estar preparados tecnicamente e psicologicamente para lidar com as nuances que o cuidado humano em saúde exige, nas diversas fases do ciclo de vida humano. Compreendendo, desta forma, o processo da morte e do morrer como fase natural do ciclo de vida do homem, da doença como condição da existência humana e auxiliando da melhor forma possível àqueles que estão no seu processo de sofrimento e finitude (Lins, 2021).

Dessa forma, considerando o contexto do estudo até aqui apresentado, destacamos que a questão que norteia essa investigação é: Quais são os saberes/e ou conhecimentos que os profissionais da Enfermagem possuem sobre as dimensões que envolvem o fenômeno da morte e o processo de morrer?

Com base na questão norteadora, temos como objetivo geral desta pesquisa: a construção de uma Sequência Didática, como recurso didático pedagógico para profissionais da Enfermagem, com a temática Educação para a Morte. Para o alcance desse objetivo, foram implementados os seguintes objetivos específicos: a) a elaboração de uma revisão na literatura clássica sobre o tema da morte e do morrer; b) a construção de uma revisão integrativa sobre o estado da arte, em artigos publicados nos últimos dez anos; c) análise dos PCN para a formação dos profissionais de Enfermagem, quanto a abordagem da temática da morte e do morrer; d) estudo analítico do PPC/2023- Matriz Curricular do Curso de Enfermagem de uma instituição de ensino superior, quanto ao espaço para apresentação da temática da morte e do morrer; e) aplicação do Questionário aos profissionais da Enfermagem de uma instituição de ensino superior.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – Fundamentação Interdisciplinar da Morte e do Morrer

Pressupostos da sabedoria budista afirmam que três coisas não podem ser escondidas por muito tempo: o sol, a lua e a verdade (Suzuki, 2019). Acrescentar a esse pensamento o fenômeno da morte e o processo do morrer não diminuiria as verdades presente nele, pois, ao pensarmos a história da humanidade, podemos verificar que muitas realidades e fenômenos presentes na existência humana foram e ainda são ocultados social e culturalmente, assim como também nos calabouços do inconsciente humano (Gaarde, 2005). No entanto, velar as realidades não faz com que elas desapareçam do contexto existencial.

A morte e o morrer são fases que fazem parte do processo de desenvolvimento humano/do seu ciclo de vida- nascer, crescer, reproduzir, envelhecer e morrer, e está inserido no nosso cotidiano nas formas mais variadas possíveis. A compreensão sobre a morte e o morrer influência de forma direta e indireta na qualidade de vida das pessoas (Combinato; Queiroz, 2006).

Para o ser humano, o processo de morrer contém, intrinsecamente, uma dimensão simbólica, associado ao imaginário das pessoas, relacionado tanto a psicologia como as ciências sociais. Diante da importância desse fenômeno, a Tanatologia se constitui como o ramo da ciência especializada no estudo, na compreensão das dimensões da morte e do morrer humano (Porcino, 2020). Ao procurarmos compreender a palavra morte no seu sentido mais profundo, encontramos sua origem no termo latino *mors*, que em transcrição literal, significa óbito, falecimento (Ferrari, 2018). Existe uma expressão de origem latina conhecida como *memento mori*, que significa “lembre-se da morte”, muito utilizada na literatura e na filosofia, como momento de reflexão sobre a transitoriedade da vida e a certeza sobre a morte, que se impõe sobre existência humana ao longo da história (Isoppo, 2017).

Para a grande maioria das religiões, o fenômeno da morte está associado ao sobrenatural, ao plano metafísico. Nesta concepção, morrer está associado ao fato do espírito ou a alma abandonar o corpo físico, passando, assim, para a esfera espiritual, para o além-túmulo (Araújo, 2022). Desta forma, apenas o corpo físico é mortal, enquanto o espírito, ou alma, é imortal, continua vivo e passará a viver em outro plano, podendo ser no paraíso, para as almas boas, ou no inferno (Fagundes, 2015). Algumas religiões, sobretudo as orientais, acreditam no processo de reencarnação do espírito, seja na forma animal ou na forma humana, dependendo do nível de purificação, de elevação moral do espírito (Congar, 2022).

Assim sendo, o preparo do corpo após a morte, os ritos do funeral, as formas de extinção do corpo, as formas de enterro, os próprios cemitérios são aspectos práticos e que influenciam na forma como a morte é compreendida nas diferentes sociedades (Chagas, 2018).

Após a morte, o corpo entra em processo de decomposição da matéria orgânica, passando pelos fenômenos biológicos, físicos e químicos. De modo geral as principais etapas que o corpo apresenta no seu ciclo de decomposição são: *palor mortis*- palidez que acontece entre quinze e cento e vinte minutos após a morte; *algor mortis*- a redução da temperatura corporal após a morte; *rigor mortis*- os membros do cadáver tornam-se rígidos e difíceis de mover ou manipular; *livor mortis*-um assentamento do sangue na parte inferior do corpo; putrefação- os primeiros sinais de decomposição do corpo; decomposição- a redução em formas mais simples de

matéria, acompanhada por um odor forte e desagradável; esqueletização- o fim da decomposição, quando todos os tecidos moles se decompõem, deixando apenas o esqueleto e a fossilização- a preservação natural dos restos do esqueleto formados ao longo de um período muito longo (Menon, 2011).

Pensando a morte e o morrer nos dias atuais, dentro do contexto do sistema socioeconômico em que estamos inseridos, observamos que a morte se dispersa numa rede bastante extensa de relações heterogêneas que organizam o processamento social por meio do deslocamento para a esfera privada, o que provoca uma segregação da experiência (Queiroga, 2022). Essa rede de processamento é constituída por, pelo menos, cinco atores sociais predominantes, que traduzem o significado moderno do morrer: a família, a religião, o estado, o mercado e a ciência. Cada um desses pontos da rede de processamento constitui, em si mesmo, um ator e uma rede, tendendo a traduzir a morte segundo seus próprios propósitos (Mattedi; Pereira, 2007).

Ao longo do seu processo evolutivo, dentre as características adquiridas pelo homem, na sua adaptação ambiental, o desenvolvimento de um encéfalo e um cérebro, extremamente grande e complexo, permitiu apresentar características peculiares que o diferencia dos demais animais, como a capacidade de realizar trabalho, construindo assim objetos e um sistema cultural, além de uma consciência, que é a capacidade de se reconhecer enquanto ser e reconhecer as dimensões de sua existência, para além dos instintos (Diefenthaler, 2013).

A partir do momento em que o homem tomou consciência de sua própria existência e passou a enxergar a morte como componente universal e inexorável da vida humana, uma infinidade de questões passou a atormentá-lo, em especial o que ficou classificado no último século por problema do sentido da vida humana (Oliveira, 2018). Pode-se dizer que a consciência da morte é fundante para o nascimento da consciência humana.

Assim sendo, morte e morrer são compreendidos por muitos como sinônimos, no entanto, são dois conceitos diferentes que devem ser definidos considerando as suas especificidades. A morte pode ser entendida como o fim da vida, do corpo biológico, é o óbito, o fenômeno final do ser, uma condição inerente ao ser vivo, enquanto que o morrer é o processo que antecede a morte, é caminho, morre-se um pouco a cada dia, até se chegar ao momento final, a morte em si (Silva; Ruiz, 2003).

Segundo Kovács (1998), o medo é a resposta mais comum diante da morte. O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independentemente da idade, sexo, etnia, nível socioeconômico e credo religioso. Mesmo com todo o avanço material e imaterial das civilizações humanas, toda a riqueza cultural construída ao longo de séculos, o desenvolvimento de sistemas culturais, religiosos, sociais, políticos, filosóficos, profundamente complexos, nada disso foi capaz de fazer com que o medo da morte deixasse de ser uma realidade humana.

Kastenbaum e Aisenberg (1983) afirmam que as interpretações atuais sobre a morte constituem parte da herança que as gerações anteriores e as antigas culturas nos legaram. A problemática social da morte e do morrer foi amplamente abordada, descrita e analisada no campo das ciências da saúde, da filosofia, das ciências humanas. Na Antropologia, a morte e o morrer são compreendidos como acontecimentos experienciados e vividos de múltiplas formas que implicam sujeitos em relações.

Os conhecimentos que hoje dispomos sobre as condições da vida material e imaterial dos grupos humanos primitivos, bem como de suas práticas cotidianas, é produto dos achados arqueológicos, estudos históricos e registros em formas de desenhos encontrados nas cavernas (Ingold, 2021). Se considerarmos o período pré-histórico, do surgimento do homem até a invenção da escrita, os processos de adaptação e sobrevivência davam-se em condições adversas, envolvendo a luta pela sobrevivência, e que marcou a transição da vida em grupo para as primeiras civilizações (Carneiro, 2017). Harari (2020) discute que, ao morrer um membro do grupo, geralmente por causa natural, acidentes ou durante as caçadas, o corpo era abandonado, o que demonstra um “estranhamento”, ou a falta de consciência, da morte. A morte passa a ter significado para o homem primitivo quando ele passa a enterrar seus mortos, saindo do campo da naturalidade, do instinto, e passando a adquirir significado simbólico, cultural. As primeiras sepulturas conhecidas na história da humanidade datam de aproximadamente trinta e cinco mil anos antes de Cristo, sendo que nos túmulos encontrados, os mortos encontravam-se sentados e com os braços envolvendo os tornozelos (Perazzo, 2019).

Segundo Morin (1997), na pré-história, os mortos musterenses eram cobertos por pedras, principalmente sobre o rosto e a cabeça, tanto para proteger o cadáver da atividade alimentar dos animais, quanto para evitar que retornassem ao mundo dos vivos. Um dos grandes temores dos vivos em relação aos mortos sempre foi de que suas almas, espíritos, voltassem para os perturbar de alguma forma.

Com o surgimento da escrita na suméria, por volta de 3500 anos antes de Cristo, e o advento das grandes civilizações, temos início o período da história conhecido como idade antiga ou antiguidade, momento do florescimento das primeiras civilizações, com o domínio da agricultura e a domesticação de animais, das grandes construções, que se encerra em 476 depois de Cristo (Lopes, 2021). Na antiguidade, as crenças sobre a morte e o morrer variavam de acordo com as culturas e religiões de cada sociedade. Na Mesopotâmia Antiga, o sepultamento de um falecido era carregado de hábitos e significados, por meio dos quais o corpo da pessoa era enterrado com todas as marcas de sua vida pessoal, o que incluía vestimentas, pertences, insígnias e comidas preferidas (Agra; Albuquerque, 2008).

Na mitologia hindu, a morte é encarada como uma válvula de escape para o controle demográfico. Quando a “Mãe-Terra” torna-se sobrecarregada de pessoas vivas, ela apela ao deus Brahma que envia, então, a “mulher de vermelho”, que representa a morte na mitologia ocidental, para levar pessoas, aliviando assim os recursos naturais e a sobrecarga populacional da “Mãe-Terra” (Regadas, 2011).

Considerando o contexto cultural, de acordo com a sabedoria hindu, a cremação tem como objetivo de apagar todos os traços existenciais do morto, pois o cadáver era totalmente queimado e as cinzas lançadas à água ou ao vento. Como se o fato de ter vivido fosse um erro e, a morte, uma penitência por tal transgressão (Agra; Albuquerque, 2008).

Para a civilização egípcia, por exemplo, acreditava-se na vida após a morte e, por isso, realizavam rituais de mumificação para preservar o corpo e garantir a continuidade da alma na outra vida (Borges, 2019). Eles desenvolveram um sistema bastante explícito e detalhado. Pirâmides, tumbas, múmias, objetos mortuários, escritos funerários e o Livro dos Mortos, todos testemunham um otimismo fundamental perante a morte. A morte era uma questão central na cultura egípcia (Santos, 2009).

Segundo Kastenbaum e Aisenberg (1983), os egípcios da antiguidade, em sua sociedade bastante desenvolvida do ponto de vista intelectual e tecnológico, consideravam a morte como uma ocorrência dentro da esfera de ação. Eles possuíam um sistema que tinha como objetivo ensinar cada indivíduo a pensar, sentir e agir em relação à morte (Pitanga, 2022).

Já os gregos viam a morte como algo inevitável e acreditavam que a alma seguia para o Hades, o reino dos mortos (Oliveira, 2022). Para os gregos, a incineração dos corpos/cadáveres era prática comum, e a forma como era executada dependia das realizações em vida: ao cadáver do homem comum cabia o crematório coletivo, enquanto o cadáver dos grandes heróis era cremado na cerimônia de bela morte, no qual seus feitos no campo de batalha eram enaltecidos. A própria morte era considerada a prova de sua virtude, tornando-o um indivíduo cuja a vida era digna de ser lembrada (Agra; Albuquerque, 2008).

Na mitologia grega, Caronte é o barqueiro de Hades, que carrega as almas dos recém-mortos sobre as águas do rio Estige e Aqueronte, que dividiam o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Segundo a mitologia, depois que a alma do morto ultrapassasse os limites desses rios, jamais poderiam voltar à vida novamente (Ferraz, 2014).

Diferentes filósofos gregos tinham visões diferentes sobre a morte. Sócrates entendia a filosofia como uma preparação para a morte, mas acreditava que “ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o maior dos males. A ignorância mais condenável não é essa de supor saber o que não sabe?” (Platão, 1999). Já Epicuro (2021) acreditava que somos um corpo formado por átomos e que, portanto, quando estes átomos chegam ao fim, morremos. A sua perspectiva materialista implica na efemeridade do presente: o que foi já não é e o que será ainda não é. Desta forma, não devemos temer a morte, porque ela nada significa a nós.

Na visão de Platão (1999), a morte é vista como um processo de purificação e futuro encontro com os deuses no reino de Hades, ele assume tal elemento escatológico, presente na sua obra *Fédon*. Segundo ele, pensar no próprio funeral nos lembra que morreremos um dia, que somos por natureza seres finitos. Aristóteles (2003) considerava que a morte é o que há de mais temível na nossa vida, tornando-se, assim, um temor para a vida, e por isso mesmo, só ela põe fim à perfeita felicidade

humana sobre a terra. Assim sendo, a morte nessa perspectiva representa o grande tremor e temor humano, uma vez que ela representa um grande obstáculo na concretização da felicidade do homem.

Para os romanos de um modo geral, a morte representava um local de descanso após uma jornada na Terra. A imagem de um navio ou cavalo encontrado em sarcófagos não alude a uma viagem à eternidade, mas à viagem constituída pelo caminhar durante a permanência na vida terrena (Franco, 2008). A preocupação com o além-túmulo, envolvendo a imortalidade da alma, inexistia no Império Romano, de forma que isso não era um sofrimento existencial para eles. Os funerais eram organizados conforme a hierarquização das classes, ficando nítida a distinção entre as classes nos rituais fúnebres. Os pobres eram enterrados ou incinerados sem muita cerimônia, mesmo assim, era comum que as sociedades beneficentes romanas proporcionassem a seus associados a construção de sepulturas devidas, conhecidas pelo nome de columbaria (Funari, 2001). O cadáver geralmente era lavado com água quente, perfumado e vestido com um manto enfeitado com as insígnias do morto. Por influência grega, costumava-se colocar na boca ou nos olhos do morto moedas destinadas ao pagamento de Caronte, barqueiro de um dos rios do inferno (Evweritt, 2019). Depois de ficar exposto em um leito no átrio, onde se colocavam flores e coroas, o morto era levado em um caixão aberto, num cortejo acompanhado por alguns músicos e carpideiras especialmente designadas para chorar e lamuriar o morto. Embora eles tivessem uma semana no mês de fevereiro para celebrar seus mortos, levando-lhes oferendas, não acreditavam que eles se alimentassem com elas (Mota, 2017).

Para Marco Aurélio, conhecido como o imperador romano filósofo, que desde criança dedicou-se a buscar a sabedoria pela filosofia, ao meditarmos sobre a morte, sobre o fim, sobre a finitude, aprendemos a viver a vida com mais plenitude, de tal forma que conhecer ou refletir sobre as dimensões que a morte possui enquanto fenômeno é, sobretudo, vivenciar o verdadeiro sentido da vida, de sua essência. O conhecimento sobre a morte nos aprofunda no nosso viver.

Levando em consideração o contexto histórico, a história da transgressão de Adão e Eva no jardim do Paraíso é compreendida como a origem da morte e que persiste, até hoje, nas tradições religiosas do judaísmo, islamismo e cristianismo

(Santos, 2009). Dentro da tradição do cristianismo, a primeira morte que encontramos registrada na história da humanidade refere-se a um homicídio: a morte de Abel pelo seu irmão Caim (Bingemer, 2011).

Com a queda do Império Romano do Ocidente em 476 depois de Cristo, dá-se início o período da história conhecido como Idade Média. Nesta fase, a morte ganha uma conotação mais tolerante e passou a ser vista como um castigo divino para os pecados cometidos em vida. Todas as explicações para a vida e a morte dos homens nesse período eram difundidas pelo pensamento cristão, representado pela Igreja Católica (Pereira, 2012).

No início Idade Média, a morte era “domesticada”, “familiar”, ou seja, havia certa intimidade entre o morrer e o cotidiano da sociedade, a tal ponto que este ato era encarado como algo natural da vida (Crocetta, 2013). Diante dessa realidade, era muito comum o moribundo, pressentindo a chegada de sua morte, realizar o ritual final, despedir-se e quando necessário reconciliar-se com a família e com os amigos, expunha suas últimas vontades e morria, na esperança do juízo final quando alcançaria o paraíso celeste (Caputo, 2008). Nesta época, a morte súbita, repentina, era considerada vergonhosa e às vezes vista como castigo de Deus, pois a morte casual inviabilizava o processo do morrer (Caputo, 2008). Era comum os parentes e amigos logo após a morte do moribundo romper em grandes manifestações de luto. “Tão logo se constatava a morte, irrompiam em torno às cenas mais violentas de desespero” (Ariés, 2012).

Outrossim, os defuntos eram enterrados somente com os sudários, sem caixão em grandes valas, nas quais eram depositados vários cadáveres. Nesta época, não se tinha a necessidade de um túmulo próprio para o morto, o qual seria sua propriedade perpétua. O cemitério e a igreja se confundiam, uma vez que os mortos eram enterrados tanto no interior das igrejas (ricos) quanto no seu pátio (pobres). Esta prática está ligada à ideia de que uma vez enterrados perto dos santos e mártires, estes guardariam os mortos enterrados ao seu derredor protegendo-os do inferno (Caputo, 2008). É importante salientar que, embora a igreja e o cemitério estivessem interligados, ambos não deixaram de ser lugares públicos, nos quais ocorriam encontros e reuniões de forma que vivos e mortos conviviam em locais comuns (Ariés, 2012).

Na baixa idade Média, o comportamento de perder o controle e chorar os mortos não era mais legitimado. O corpo do morto antes tão familiar, passa a se tornar insuportável e, assim, durante séculos, o mesmo vai ser ocultado numa caixa sob um monumento, não mais visível (Caputo, 2008). Pouco tempo depois da morte e no próprio local desta, o corpo do defunto era completamente envolvido na mortalha, da cabeça aos pés, de tal modo que nada aparecia do que ele fora, e em seguida era fechado numa caixa de madeira ou caixão (Ariés, 2012).

A partir do século XII, final Idade Média, ao invés da certeza passa a reinar a incerteza, uma vez que cabia à Igreja intermediar o acesso da alma ao paraíso e o julgamento final deixava de ser visto como evento que ocorreria nos tempos finais e passa a ser um evento que aconteceria imediatamente após a morte, resultando na descida ao inferno (no sofrimento eterno) ou na ascensão aos céus (na alegria eterna), a depender da conduta antes da morte (Ariés, 2012).

Na sociedade ocidental, tais mudanças alteraram as perspectivas das pessoas em relação à morte, deixando de ser algo natural para ser considerada uma provação (Caputo, 2008). De acordo com Ariés (2012), essa visão “clericalizada” da morte configurou-se como a maior mudança antes das secularizações do século XX. “Sente-se que a confiança primordial está alterada: o povo de Deus está menos seguro da misericórdia divina, e aumenta o receio de ser abandonado para sempre ao poder de Satanás” (Ariés, 2012).

A Idades das Trevas foi marcada pela proibição dos estudos científicos e da divulgação dos conhecimentos produzidos pela ciência e, também, por milhares de mortes. Neste período, morria-se das mais variadas causas: pelas guerras, pela fome, pelas doenças, como a peste negra, e pela inquisição da igreja aos que defendiam ideias contrárias ao pensamento religioso católico, conhecidos como hereges (Mendes, 2019).

A busca do homem pela vida eterna ou a da imortalidade inicia-se com os alquimistas, figuras híbridas de cientistas e religiosos que marcaram a idade média. Os alquimistas procuravam em seus laboratórios uma fórmula que produzisse um elixir da imortalidade ou da vida eterna que, ao ser ingerido pelo homem, poderia curar todas as doenças, prolongando assim a vida indefinidamente, vencendo de vez a temida morte física (Oliveira Souza, 2019).

Cronologicamente, a Idade Moderna começou com a conquista de Constantinopla pelos otomanos em 1453, período de profundas transformações sociais, políticas, culturais, filosóficas, econômicas, científicas na sociedade europeia e no mundo. A visão de universo, homem, natureza, vida, trabalho, conhecimento sofrem significativas modificações. A morte passou a ser estudada não apenas sob uma perspectiva religiosa, mas também científica (Fernandes, 2021).

A partir do século XVIII, as atitudes do homem perante a morte alteram-se mais uma vez, de modo que essa passa a ser romantizada e o homem desta época passa a ter complacência com a ideia da morte (Oliveira, 2015). O morrer passa a ser também um momento de ruptura, no qual o homem era arrancado de sua vida cotidiana e lançado num mundo irracional, violento e cruel. Define-se uma radical separação entre a vida e a morte e uma laicização da última (Caputo, 2008).

As igrejas deixaram de ser o local dos enterramentos, que passaram a ocorrer em cemitérios, construídos nas margens da cidade, marcando uma dicotomia entre vivos e mortos (Caputo, 2008). Os sepultamentos deixaram de ser anônimos, individualizando as sepulturas e demonstrando a preocupação em demarcar o lugar onde havia sido depositado o corpo do defunto (Rosa, 2019). “Pretendia-se agora ter acesso ao lugar exato onde o corpo havia sido depositado, e que esse lugar pertencesse de pleno direito ao defunto e à família” (Ariés, 2012).

Segundo o filósofo moderno Montaigne (2002), somente a filosofia era capaz de preparar o homem para a morte, aproveitando o tempo que temos em vida, afinal, sem essa preparação, acabamos nos tornando vulneráveis e temerosos. Desta forma, a filosofia teria um papel fundamental de ensinar as formas adequadas de viver e não ter medo da morte, já que esta é inevitável. Para Montaigne, aprender a morrer é desaprender a ser escravo.

Com o advento da Idade Contemporânea, iniciada com a Revolução Francesa de 1789 e chegando até o presente momento, temos um período histórico profundamente marcado por inúmeras transformações na organização da sociedade e por diversos conflitos de amplitude mundial. É possível destacar neste período, a medicina e a biologia buscaram entender as causas da morte e desenvolver técnicas para prolongar a vida.

A partir do século XIX, o luto é ressignificado e passa a ser vivenciado de forma mais profunda, pois a aceitação da morte torna-se dentro desse contexto uma realidade de muito sofrimento e dor para aqueles que ficam (Caputo, 2008). A morte temida, não é, por conseguinte, a morte de si mesmo, mas a morte do próximo, a morte do outro (Ariés, 2012).

É importante salientar que, embora desde o começo da Idade Média até o século XIX as representações e, conseqüentemente, as atitudes do homem perante a morte tenham sofrido transformações importantes, estas, por sua vez, não alteraram a familiaridade com a morte e com os mortos (Caputo, 2008). Assim sendo, a morte tornara-se um acontecimento pleno de conseqüências; convinha pensar nela mais aturadamente. Mas ela não se tornara nem assustadora nem angustiante. Continuava familiar, domesticada (Ariés, 2012). Entretanto, a partir da segunda metade do século XX, ocorre uma mudança brusca, na qual a morte deixa de ser familiar e passa a ser um objeto interdito.

Um fator importante que impulsionou tal mudança de percepção foi a transferência do local da morte (Bezerra; Neves, 2017). Já não se morre no próprio domicílio, no meio dos familiares, mas sozinho no hospital. O velório também deixa de ser realizado na casa da família, na qual antes o corpo ficava exposto e era visitado pelos entes queridos, pois cada vez menos é tolerado a presença do morto em casa, tanto em função de questões de higiene quanto por falta de condições psicológicas de vivenciar esta situação (Matos, 2022).

Maranhão (1987) afirma que a sociedade ocidental contemporânea tem estabelecido uma redução da morte e tudo o que está relacionado a ela no intuito de negar sua experiência. O luto, um processo de sofrimento humano perante a morte a morrer, também é concebido socialmente de forma negativa, relacionados a sua vivência tanto por quem vivencia um diagnóstico de uma doença sem cura ou de uma doença em processo de terminalidade, quanto pelos que vivem o luto de uma perda significativa (Medeiros, 2012).

Podemos definir o luto como um processo necessário e fundamental para preencher o vazio deixado por qualquer perda significativa na vida de uma pessoa; perda não apenas de alguém, mas também de algo importante, tais como: separação em um relacionamento amoroso, de um animal de estimação, de um objeto, de uma viagem, de um emprego, uma reprovação escolar, uma reprovação em um concurso,

em um exame para entrar em uma universidade, reprovação em banca de avaliação etc.: (Luft, 2023). A psiquiatra suíça radicada nos Estados Unidos, Elisabeth Kubler-Ross, ao longo de seu trabalho como médica e atuando com pacientes terminais, identificou a reação psíquica e comportamental de pacientes ao receberem o diagnóstico de uma doença que não tinha cura ou que se encontrava em estado terminal e dessa forma propôs cinco fases para a compreensão da experiência do luto nos pacientes (Guerra, 2013). De acordo com esta autora, as cinco fases do luto ou da perspectiva da morte são:

“Primeira fase a negação- seria uma defesa psíquica que faz com que o indivíduo acaba negando o problema, tenta encontrar algum jeito de não entrar em contato com a realidade, é comum a pessoa não querer falar sobre o assunto; segunda fase a raiva-nessa fase o indivíduo se revolta com o mundo, se sente injustiçada e não se conforma por estar passando pela situação; terceira fase a barganha-essa é fase que o indivíduo começa a negociar, começando com si mesmo, acaba querendo dizer que será uma pessoa melhor se sair daquela situação, faz promessas e muitos discursos de mudanças de atitudes; quarta fase é a depressão- nessa fase a pessoa se retira para seu mundo interno, se isolando, melancólica e se sentindo impotente diante da situação; e a última fase consiste na aceitação-é o estágio em que o indivíduo não tem desespero e consegue enxergar a realidade como realmente é, ficando pronto pra enfrentar a perda ou a morte”(Kubler-Ross, 2005, pág.43).

Os psicanalistas existenciais apontam que, se no início do século XX o grande tabu se dava em relação ao sexo, já no final do referido século, o grande tabu é ligado à morte (Torres, 1983). Na atualidade, é comum as crianças receberem informações sobre sexualidade em casa, na escola, pelos meios de comunicação em massa, porém quando se trata da morte, esta é passada de forma mascarada, relacionando-a com uma “viagem” ou “descanso” (Setti, 2011). Evita-se falar de morte, bem como de ver o corpo do moribundo, pois isto nos traz à consciência a ideia de nossa própria finitude (Carvalho, 1996).

Em função desta interdição da morte é comum o círculo de relação de doentes terminais ocultarem ao doente a gravidade do seu estado buscando, assim, poupá-los desta provação. Essas transformações atingem os ritos funerários, os quais passam a ter cerimônias mais discretas, condolências breves e o encurtamento no período dos lutos (Souza, 2002).

Depois dos rituais funerários, dos rituais do enterro do corpo, inicia-se o luto propriamente dito. O dilaceramento da separação e a dor da saudade podem existir no coração da esposa, do filho, do neto, porém, segundo os novos costumes, não deverão manifestá-los publicamente (Correia e Torres, 2011). As expressões sociais como o desfile de pêsames, as “cartas de condolências” e o trajar luto, por exemplo, desaparecem da cultura urbana. Causa espécie anunciar seu próprio sofrimento, ou mesmo demonstrar estar sentindo-o (Queiroz, 2017).

Segundo Martin Buber (1952), é impossível fugir à aparência que a morte tem de amputação afetiva e exílio, seja para quem parte, seja para quem fica. O viver tece teias de afetividade às quais todos nós ligamos intensamente, e a teia cuidadosamente montada com os cuidados que se dá a estrutura de cristal parece vir abaixo com a morte dos entes amados.

A sociedade exige do indivíduo enlutado o autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis (Caputo, 2008). O luto passou a ser entendido como um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas, de uma forma análoga à masturbação ou associado a ideia de doença (Martins; Lima, 2014). O prantear equivale às excreções de um vírus contagioso e o enlutado deve, doravante, ficar isolado, em quarentena (Queiroz, 2017).

A temática da morte e o morrer sempre foi um tema presente e muito discutido no âmbito da filosofia, tornando-se tema central para os filósofos existencialistas.

De acordo com Heidegger (2009), ninguém pode sentir por mim a minha dor, nem ninguém pode morrer por mim a minha morte, mas cada um faz sua experiência particular no processo de finitude. Se essa experiência é particular e alcança a totalidade dos indivíduos, aparece aí o ser para a morte, pois esse fenômeno alcança a todos.

Para Schopenhauer (2004), o medo da morte não era causado devido ao fim da vida, mas sim a destruição do organismo. Para ele, os seres davam mais atenção ao corpo do que à sua essência e, por isso, viviam angustiados perante a morte. Porém, Schopenhauer acreditava que a morte apenas cessava a existência do nosso corpo físico e não da nossa essência, que é justamente a representação da nossa individualidade – algo indestrutível e que não termina com a morte.

O filósofo Friedrich Nietzsche (1998) ficou conhecido por ter uma visão niilista da morte, mas defendia que era possível ter duas posturas: a covarde ou voluntária. Na morte covarde, a experiência é vista como um acaso, uma fatalidade. É a falta de longevidade que faz com que o homem pregue o abandono da vida, perdendo a possibilidade de modificar a realidade. É nesse tipo de postura que surgem os sentimentos como a raiva, a vingança e a repulsa da morte. Já a morte voluntária acontece no tempo certo e para aqueles que aceitam a morte, sem culpa, entendendo-a como um elemento intrínseco da vida humana. Desta forma, um tempo bem vivido resulta em uma morte voluntária.

Sartre (2001) defendia que a morte pode ser compreendida como o vazio de todas as possibilidades do sujeito; vazio esse que deixa de fazer parte das possibilidades que o sujeito possa ter. Com isso, a morte se torna um fenômeno absurdo, pois, não se pode escolher morrer ou ficar vivo, e isso é uma negação da existência, uma negação da liberdade, que se apresenta na angústia que acompanhará o homem até o seu último dia de suspiro (Cioran,2020).

Na perspectiva da sociologia, Durkheim (2011) ressalta que o suicídio consiste em um ato executado de forma consciente e que resultará na morte. Conforme o sociólogo, cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias, e o que interessa à sociologia sobre o suicídio é a análise de todo o processo social, dos fatores sociais que agem não sobre os indivíduos isolados, mas sobre o grupo, sobre o conjunto da sociedade; uma vez que para ele a causa para todos os três tipos de suicídios - egoísta, altruísta e anômico - são sociais. Assim sendo, cada sociedade em momentos diferentes da história tem atitudes e comportamentos diferenciados em relação ao suicídio (Botega, 2022).

Para o fundador da psicanálise, o médico psiquiatra Sigmund Freud, o homem é movido por duas pulsões, duas forças que coabitam os indivíduos, a pulsão de vida e a pulsão de morte. A pulsão de vida, também conhecida como Eros, está associada a tendência à sobrevivência, propagação, sexo e outras pulsões criativas e produtoras de vida, em outras palavras à conservação da vida dos organismos, enquanto que a pulsão de morte, também conhecida como Tánatos, é representada pela agressividade e levaria à segregação de tudo o que é vivo e sua destruição.

Em uma visão materialista histórica e dialética, Vigotski (1996) afirma que a ciência assimilou muito bem o conceito de vida, mas não conseguiu explicar claramente o de morte. Nesse contexto a morte é interpretada somente como uma contraposição contraditória da vida, como a ausência da vida, em suma, como o não-ser. Mas a morte é um fato que tem também seu significado positivo, é um aspecto particular do ser e não só do não ser; é um certo algo e não o completo nada.

Outros autores também abordaram a questão da morte e seu impacto na constituição dos sujeitos. Morin (1988) afirma que é impossível conhecer o homem sem lhe estudar a morte, porque, talvez mais do que na vida, é na morte que o homem se revela. É nas suas atitudes e crenças perante a morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental. Nesse sentido, podemos destacar que, para além de estudar a morte e o morrer, estamos desvendando aquilo que se encontra entre o nascer e o morrer, que é a vida na sua essência.

A negação ou interdição da morte ocorre não só em função de deixar de vivenciar este acontecimento, mas também pelo fato de a cultura ocidental passar a priorizar a preservação da felicidade, cada vez mais tecnológica e voltada para a produção e progresso (Coe, 2005; Maranhão, 1986; Vilar, 2000; Souza, 2002). Aponta-se que a negação da morte é um problema das sociedades individuais, nas quais a dor da perda gerada pela morte é mais intensa do que nas sociedades coletivas, cujas relações sociais são fortalecidas, o que lhes possibilita a diluição da dor na coletividade e a possibilidade de encarar a morte de modo natural (Matos, 2022).

Um dos aspectos que marcam os dias atuais em relação a morte e o morrer, mas que nos remetes ao desejo dos alquimistas da idade medieval, é a busca incessante do desejo pela imortalidade do homem, de vencer a morte a qualquer custo (Eliade, 1979). A criônica representa uma técnica desenvolvida a partir dos avanços da tecnologia, com fins de preservar em temperaturas extremamente baixas animais e seres humanos que, por alguma questão, não podem ser sustentados vivos pela medicina atual, na perspectiva de que no futuro possam envidar esforços para encontrar a cura da doença, possibilitando sua ressuscitação (Sousa Neves, 2022). Sob essas condições, a justificativa declarada para a criônica é que as pessoas que são consideradas mortas pelas atuais definições médicas ou legais podem não estar

necessariamente mortas de acordo com a definição de morte mais rigorosa apresentada pela teoria da informação (Joaquim,2009). A ciência médica atual, assim como a criobiologia, concebem a criônica com ceticismo, da mesma forma que a alquimia foi considerada durante a idade média (Cordeiro, 2020).

Um outro caminho que a ciência atual está construindo para apagar a morte da história humana é a reperfusão. Cientistas do Instituto de Ciências da Ressuscitação da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, em estudos recentes reconhecem que as células que ficam sem oxigênio por mais de cinco minutos morrem, não por falta do oxigênio, mas quando seu suprimento de oxigênio é retomado (Ferreira, 2006). Sendo assim, para evitar a morte da célula, eles visam reduzir a captação de oxigênio, diminuir o metabolismo e ajustar a química do sangue para uma reperfusão gradual e segura para as células, evitando dessa forma a morte celular. Portanto, percebe-se que o desejo medieval do homem pela imortalidade, de vencer a morte, a sua finitude, ainda não foi suplantado (Melgosa, 2018).

A morte e o morrer, desde a antiguidade até os dias atuais, também foi tema frequente na Literatura e nas Artes. A morte foi pintada e escrita de acordo com a realidade cultural de cada sociedade. Assim como os poemas sobre a morte e o morrer aparecem em todas as épocas da história e nas mais variadas maneiras, consta-se pelo menos desde Homero a morte e suas consequências expressas por meio da poesia. Pode-se dizer que, já há muitos séculos antes da chamada corrente existencialista em filosofia, havia poetas que manifestavam sua inquietação existencial fazendo uso de poemas sobre a morte.

2.2 A Morte e o Morrer e os Cuidados em Enfermagem

É fato que a morte é uma realidade para todas as sociedades e que, embora procuremos criar modos de afastamento dela, ela se faz presente (Velho, 2002). Assim sendo, o percurso agora transcorre para a compreensão da relação que se estabelece entre os profissionais de saúde e a condição da morte e do morrer. Mais especificamente, vamos investigar entre os profissionais da Enfermagem, que relação, que compreensão eles possuem sobre a morte e o morrer no exercício cotidiano da sua profissão. Quais sentimentos a morte e o morrer desperta nesses

profissionais. Que atitudes, comportamentos eles apresentam quando vivenciam a morte de um paciente, ou quando refletem sobre a sua própria finitude.

Na contemporaneidade, muitas angústias marcam a vida do homem; vivemos um período de variadas e profundas incertezas, no qual o passar do tempo é percebido com muita velocidade, impedindo assim a construção das experiências humanas e promovendo o esfacelamento dos ritos de passagens que nos constitui (Tavares, 2010). No entanto, das angústias que marcam a condição de existência do homem atual, a morte, a sua finitude é considerada a que mais lhe causa medo e sofrimento (Borges, 2018).

Outrossim, ainda que a morte e o morrer na atualidade tenha sido banido dos espaços e das vivências humanas, estando ausente dos discursos, interdito na família, na escola, na igreja, no trabalho e da própria realidade social, sabemos que a morte é uma certeza para todas as formas de seres vivos, sobretudo para o homem, que tem consciência desta condição (Pitanga, 2022). Neste contexto, trata-se de uma realidade sob a qual o homem não possui capacidade de escolha, pois se constitui sua condição biológica, tornando-o frágil enquanto ser e enquanto organismo (Pacheco, 2022).

O homem com um ser social, que se desenvolveu e adaptou-se a viver em grupos, viver socialmente, também desenvolveu práticas de cuidados de si e dos outros, para que, dessa forma, pudesse vencer as adversidades que o ambiente natural apresentava como: acidentes naturais, as doenças e prolongar a vida (Pestana, 2019). Desta forma, as práticas de cuidados e, especificamente os cuidados em saúde, foram essenciais para permitir o sucesso evolutivo do humano, tornando-se a espécie dominante (Golemam, 2017).

Ao longo da história da humanidade, os cuidados humanos sempre estiveram atrelados ao trabalho das mulheres. As mulheres circulavam por casas, vilarejos ou cidades cuidando de outras mulheres, crianças, idosos, deficientes, enfermos e pobres. Tais cuidados incluíam desde cuidados ao recém-nascido, cuidados a mães que tinham filhos, ensino sobre práticas de higiene, realização de curativos, produção de remédios com plantas medicinais, entre tantas outras atividades realizadas (Lima,

2006). Os cuidados abarcavam as pessoas em todos os ciclos de vida e em sua integralidade, envolvendo aspectos físicos, psicológicos, social e espiritual.

Nesse contexto, os saberes das práticas de Enfermagem, que duraram séculos, eram transmitidos de mães para filhas ao longo de muitas gerações, de comunidades para comunidades. Essas mulheres possuíam grandes e profundos conhecimentos empíricos sobre os ossos, os músculos, as ervas (Padilha, 2020). O grande médico Paracelso (1493), hoje considerado o pai da medicina moderna, admitia ter aprofundando seus estudos, seus conhecimentos de farmacologia baseado no conhecimento adquirido com as mulheres enfermeiras (Lima, 2006). Essas mulheres eram vistas como sábias por grande parte das populações, mas pela igreja e pelas autoridades eram vistas como como charlatãs, trapaceiras, bruxas, feiticeiras.

Sendo assim, a partir do século XIII até o XVIII, o Estado, a Igreja Católica e a Igreja Protestantes, com o apoio da classe dominante, resolveram perseguir e retirar da vida pública essas mulheres que nos mais variados lugares da Europa eram conhecidas como benzedadeiras, parteiras, curandeiras e enfermeiras que cuidavam da saúde das populações, sobretudo, das mais pobres (Nascimento, 2018), sendo substituídas pelos técnicos, barbeiros, e médicos nesse período. Paralelamente, as congregações cristãs foram assumindo tal tarefa, a responsabilidade de realizar os cuidados em saúde (Suris, 2015).

A Enfermagem, tal qual é reconhecida nos dias atuais, tem suas origens na Confraria dos Filhos de Caridade de São Vicente de Paulo, na França, e no Instituto das Diaconisa de Kaiserwerth, na Alemanha, que treinavam mulheres para cuidadoras de enfermos, tornando-as eficientes na arte da Enfermagem. Em meados do século XIX, ocorreram profundas reformas no Reino Britânico, tendo se distinguido como reformistas da saúde Florence Nightingale (1820-1910), precursora da Enfermagem moderna, criando a primeira Escola de Enfermagem Profissional (Lima, 2006).

Ainda no século XIX, na Europa, vale ressaltar aqui os trabalhos de Ethel Bedford Fenwick, fundadora da Associação Real de Enfermeiras Britânicas em 1887, e do Conselho Internacional de Enfermagem, em 1889. No contexto brasileiro, registra-se um fato inédito quando Ana Justina Ferreira Neri (1814-1880), baiana de 51 anos, movida por sentimentos humanitários decidiu prestar cuidados aos

combatentes na Guerra do Paraguai (1865-1870), tornando-se enfermeira de guerra durante cinco anos, assim como também ocorreu com Nightingale na Inglaterra (Lima, 2006).

No Brasil, a primeira Escola Profissional dos Enfermeiros e Enfermeiras, hoje Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, foi criada na Universidade do Rio de Janeiro- UniRio em 1890. Em 1962 o ensino de Enfermagem passou a integrar o sistema de formação do ensino universitário público. No ano de 1972 foi criado o primeiro Curso de Mestrado em Enfermagem, na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e no ano de 1981 foi criado o primeiro Curso de Doutorado em Enfermagem, na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (Lima, 2006), consolidando, dessa forma, o ensino para a formação de profissionais da Enfermagem no Brasil.

Como já discutido anteriormente, frente a concepção de negação da morte na sociedade, a mesma ideia foi largamente implementada na formação dos profissionais de saúde, que passaram a ser formados mediante a concepção de que a vida é valor absoluto universal e que à morte, portanto, torna-se um inimigo que deve ser combatido a qualquer preço (Borges, 2021).

A formação acadêmica em Enfermagem fundamenta-se no modelo biomédico, concebendo a organização do corpo como semelhante a uma máquina e do paciente focado na doença, negando, assim, a identidade integral e holística do homem e a negação da morte como ciclo natural da vida (Zanotelli, 2015).

A visão da morte preponderante enfatiza apenas aos aspectos biológicos, como oposto à vida, levando a sentimentos de medo, dor, angústia, sofrimento e frustração (Arantes, 2018). O olhar racional, mecanicista e biologicista sobre a morte, dificultam uma visão multifatorial, que considere os aspectos biopsicosocioculturais (Mandú, 2004), no qual a compreensão da morte e do morrer considere todas as dimensões do ser humano, que se constitui como ser biológico, social, cultural, psicológico, histórico e teológico (Álvaro; Garrido, 2016).

De maneira análoga, compreende-se, assim, que a formação educacional dos profissionais de saúde, e em especial, a dos profissionais da Enfermagem, constitui-se como questão imperativa para que possam compreender e desenvolver um cuidado em saúde àqueles pacientes que vivem o seu processo de morrer, o seu

processo de finitude, de morte, validando, dessa forma, a compreensão da vida humana, pelos ciclos naturais da vida, que se inicia com o nascimento e encerra-se com a morte (Santos, 2021).

Vale destacar que os cursos de graduação em Enfermagem no Brasil são normatizados pela Resolução n.º 3, de 7 de novembro de 2001, do Conselho Nacional de Educação (CNE/2001) e da Câmara de Educação Superior (CES), que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs/2001) do Curso de Graduação em Enfermagem, estabelecendo os princípios, fundamentos, condições e procedimentos para a formação de enfermeiro, bem como fornece os alicerces para a construção coletiva e democrática do Projeto Pedagógico Curricular dos Cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil. Nesse sentido, ao tomarmos as DCNs/2001 como objeto de análises, é possível verificar em seu texto a ausência da temática da morte e do morrer e/ou processos de finitude. Outrossim, é possível identificar orientações voltadas para a cura da doença/e ou tratamento das enfermidades.

Outro elemento essencial e balizador na formação dos profissionais de ensino superior no Brasil, em especial aqui os profissionais da Enfermagem, é o Projeto Pedagógico Curricular-PPC. O PPC constitui de documento elaborado no âmbito dos cursos, desenvolvido baseado nas DCN/2001, que norteia a criação dos Cursos de Graduação. Trata-se de um documento de caráter institucional e de domínio público, construído em caráter coletivo por membros de diversos setores da instituição designados por portaria institucional, que vão desde o assistente em administração, representantes docentes que compõe o curso nas suas mais variadas formações ou eixos de formação, pedagogo ou técnico em assuntos educacionais e membros discentes. A elaboração do Projeto Pedagógico do Curso deve representar um momento dinâmico, democrático, participativo, de trocas de conhecimentos e trocas de experiências entre os membros do grupo e transparente, tendo em vista que PPC é o instrumento que irá concentrar a concepção do curso de graduação, os fundamentos da gestão acadêmica, pedagógica e administrativa, os princípios educacionais vetores de todas as ações a serem adotadas na condução do processo de ensino-aprendizagem, assim como o perfil do egresso.

A elaboração de um currículo, seja no Ensino Básico ou Superior, é sempre conflitante pois representa os anseios, os desejos/e ideologias dos grupos representados, sejam eles dominantes ou as minorias que buscam

representatividades de suas ideias. Desse modo, os currículos representam um grande palco de lutas, de movimentos das classes por espaço, por reconhecimento de suas identidades (Arroyo, 2017).

Nesse sentido, decidir sobre quais os conteúdos ou temas irão compor a estrutura curricular de um determinado curso não é uma decisão fácil, tranquila, porque vai depender das escolhas das pessoas que estão trabalhando nesse projeto, e nesse sentido, as escolhas não são neutras, elas são acima de tudo políticas (Kohan, 2017). Assim sendo, quando se privilegia, quando se escolhe uma determinada perspectiva do conhecimento para compor a estrutura curricular do PPC de determinado curso, e esses conhecimentos serão transmitidos aos profissionais em formação, indiretamente reforça-se um campo de ideologia social, que irá compor a construção social, cultural e política de determinada sociedade. De tal forma que, fica evidente os interesses em jogo, sejam eles pertencentes ao campo político ou ao campo social, mas que de certa forma encontram-se imersos de forma implícita ou explícita nos conteúdos que irão compor a estrutura curricular de determinado curso (Sacristán, 2019).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Frente aos aspectos discutidos, este trabalho busca refletir sobre a formação dos profissionais de Enfermagem para lidar com a morte e o morrer e propor um produto educacional voltado para abordar as lacunas encontradas na formação profissional desses profissionais.

A presente pesquisa seguiu como percurso metodológico o seguinte caminho: iniciou com a elaboração de uma revisão da literatura clássica sobre a temática da morte e do morrer, o qual constitui grande parte da fundamentação teórica deste trabalho; em seguida foi realizado uma revisão integrativa sobre o estado da arte, procurando analisar o ensino da morte e do morrer no currículo de graduação em Enfermagem, fazendo um recorte de uma década em artigos sobre o tema da pesquisa, o qual levou a realização de um artigo publicado em uma revista científica. Prosseguindo com o percurso de pesquisa, se tomou como elemento de análise a realização de um estudo crítico das Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Enfermagem, procurando identificar sua orientação na Construção

do Projeto Político Curricular para a abordagem da temática da morte e do morrer. Realizou-se, ainda, análise do PPC/2023 do Curso de Enfermagem de um Centro Universitário no interior do estado do Rio de Janeiro, observando-se de forma mais específica a composição da matriz curricular, para identificação dos aspectos concernentes à temática em estudo, buscando compreender sua abordagem do ponto de vista estrutural, os caminhos metodológicos e as fontes epistemológicas atuantes para a formação dos profissionais em Enfermagem. Após a análise documental, foram aplicados questionários semiestruturados enfermeiros docentes e enfermeiros assistenciais, todos lotados no campo da pesquisa já destacado. Após a aplicação dos questionários, foi realizado um estudo analítico dos conteúdos, produtos dos questionários, produzindo, assim, os resultados e conclusões parciais dos saberes/e ou conhecimentos que estes profissionais dispõem sobre a temática da morte e do morrer como elementos comuns em sua prática profissional.

A partir das diferentes análises propostas, que englobaram análise da bibliografia, de documentos e dos questionários, foi elaborado uma sequência didática enfatizando os pontos identificados como fragilidades quanto aos conhecimentos/e ou saberes dos enfermeiros sobre a morte e o morrer, para o fortalecimento dos conhecimentos e das práticas técnicas ou docentes dos enfermeiros.

3.1 Revisão da Literatura

A presente pesquisa configura-se um estudo de abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com perspectiva descritiva, em uma abordagem metodológica crítica. A pesquisa de caráter qualitativa compreende uma abordagem que visa apreender os aspectos subjetivos dos fenômenos sociais e das dimensões do comportamento humano, considerando o tempo, o local e a cultura em que estão inseridos (Minayo, 2017). Por conseguinte, a investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação dos dados (Creswell; Creswell, 2021). Nesse sentido, os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem, têm passos singulares na análise dos dados e se valem de diferentes estratégias de investigação.

O percurso inicial da pesquisa dar-se mediante a busca na literatura de forma interdisciplinar sobre a abordagem da morte e do morrer ao longo da história da

humanidade. Como fonte da pesquisa da revisão da literatura buscamos nos clássicos a abordagem sobre o fenômeno da morte e do morrer. Dentro da perspectiva histórica recorreremos a obra do historiador francês Philippe Ariés *A história da morte no ocidente* de 2012.; na perspectiva filosófica buscamos a análise da obra do pensador francês Edgar Morin, conhecida como *O homem e a morte*, publicada pela editora Europa-América em 1997; para a análise sociológica utilizamos como fonte a obra do sociólogo alemão Nbert Elias denominada *A solidão dos moribundos*, publicada em 2001 pela editora Zahar; para a compreensão proposta pela medicina analisamos a obra da médica psiquiatra suíça Elisabeth Kubler-Ross conhecida como *Sobre a morte e o morrer*, publicada em 2005 pela editora Martins Fontes; para a construção da referência antropológica recorreremos a obra do antropólogo brasileiro José Carlos Rodrigues Brandão, denominada *O tabu da morte*, publicada em 2006 pela editora Fiocruz; e para a construção psicológica da compreensão da morte buscamos a obra da psicóloga brasileira Maria Júlia Kovács, denominada *Educação para a Morte: Temas e Reflexões*, publicada em 2003 pela editora Casa do Psicólogo.

3.2 Revisão Integrativa

Foi utilizado o método de revisão integrativa com o propósito de analisar a abordagem do tema da morte e do morrer no currículo do curso de graduação em Enfermagem, com a finalidade de alcançar uma síntese sistematizada do material analisado, desdobrando-se assim, em aberturas para novas pesquisas.

Dessa forma, a revisão integrativa, trata de uma abordagem metodológica de revisão que associa dados da literatura empírica e teórica, autorizando a inclusão de diferentes abordagens metodológicas, seja ela quantitativa ou qualitativa, propiciando uma percepção dos fenômenos analisados e engloba: revisão de teorias e evidências, definição de conceitos e análise dos problemas metodológicos de um ponto particular. Este método permite que o leitor examine o conhecimento pré-existente sobre o tema pesquisado (Soares, 2014).

Para melhor sistematização, seguimos os padrões de rigor metodológico propostos por Ganong (1987) que estabelece os passos de Seleção do Tema ou Questão Norteadora, Estabelecimentos de Critérios de Inclusão e Exclusão, Definição das Informações a serem Extraídas do Estudo, Avaliação do Estudo, Apresentação

dos Resultados e Discussão e Apresentação da Revisão, como elementos centrais para a realização de uma revisão integrativa.

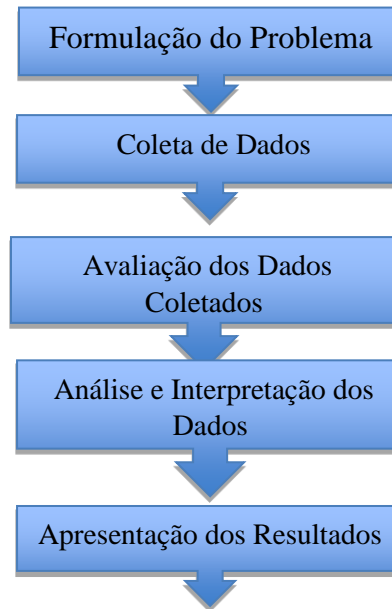
Diante dessa realidade, definiu-se que a pesquisa tem por objetivo responder a seguinte questão norteadora: Como se dá a Abordagem do Tema da Morte e do Morrer no Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem?

Para a realização do presente estudo, primeiramente foi realizada uma busca no site dos Descritores em Ciências da Saúde, para encontrar os descritores; utilizou-se a busca pelo método dos termos e termos aditivos, dando continuidade iniciamos as pesquisas na plataforma da BVS - Biblioteca Virtual em Saúde, selecionada por integrar inúmeras fontes de informação em saúde (Silva, 2021).

Na seleção dos artigos foram utilizados os seguintes descritores: morte *and* ensino *and* Enfermagem, em artigos que abarcassem o contexto brasileiro, disponíveis na língua portuguesa, disponibilizados na íntegra e com temática relacionada às abordagens do tema da morte e do morrer no currículo de ensino em de graduação em Enfermagem, abrangendo o intervalo temporal entre 2010 a 2022. Empregou-se o operador booleano “and” a fim de facilitar o processo de busca e visualização dos artigos.

Como critérios de exclusão, optou-se por não utilizar: teses, dissertações, textos incompletos, artigos duplicados encontrados em mais de um dos descritores, bem como os artigos que abarcavam outras temáticas e textos não disponibilizados na íntegra para acesso on-line.

A coleta de dados ocorreu no mês de maio de 2023 e, inicialmente foram encontrados um total de 1.078 produções científicas. Em seguida, foram realizadas as leituras dos resumos, selecionando um total de 78 artigos que preencheram os critérios de inclusão e foram lidos na íntegra. Destes, foram excluídos 68 que não tinham como a abordagem da morte e do morrer no currículo de graduação em Enfermagem no Brasil. Ao fim do processo, foram selecionados 10 artigos referenciados nesta revisão. A figura 1 ilustra o caminho demarcado no decorrer da pesquisa.



Fonte: Elaborados pelos autores.

Por se tratar de uma pesquisa de caráter quali-quantitativo vale ressaltar, que o CONEP preconiza os aspectos de caráter éticos, que os preceitos de autoria e devido referenciamento das obras consultadas foram rigidamente respeitados e por se tratar, de um estudo que se configura-se como uma revisão integrativa da produção existente e disponível online sobre a temática em estudo, entendeu-se aceitável dispensar o processo de submissão da referida pesquisa a um Comitê de Ética em Pesquisa.

3.3 Pesquisa Documental e Aplicação dos Questionários aos Profissionais de Enfermagem

Tomando-se como objeto de análise o Curso de Enfermagem de um centro universitário, mais especificamente a sua matriz curricular, explicita-se que todas as informações coletadas foram observada, recolhidas e interpretadas a partir do conteúdo disponível no site da instituição no dia cinco de outubro de dois mil e vinte e três.

A aplicação dos questionários foram realizadas com profissionais da Enfermagem vinculados a diferentes setores da instituição e enfermeiros que exercem assistência direta ao paciente em processo de morte ou morrer. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário semiestruturado, baseados nos estudos de Bellato et. (2007), composto por dados de identificação dos participantes e perguntas que visavam atender aos objetivos propostos pelo estudo. A coleta de dados foi realizada no período de 1º a 31 de outubro de 2023, após aprovação do projeto de pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa do UniFOA, sob o CAAE número 70084723.2.0000.5237.

O sigilo e a desistência em qualquer momento da pesquisa foram garantidos mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Os critérios utilizados obedeceram à Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que norteia as pesquisas envolvendo seres humanos. A pesquisa foi realizada após a anuência da Reitoria do Centro Universitário onde os enfermeiros exercem atividades de estudos, bem como suas atividades profissionais, e posteriormente, autorização do Comitê de Ética em Pesquisa. Todas as exigências foram devidamente respeitadas durante o processo de operacionalização da pesquisa.

Após o convite para participarem da pesquisa e concordância em fazer parte do estudo, os participantes foram esclarecidos quanto aos objetivos do estudo. Os dados identificação e as respostas de cada questão foram registrados em tabela, identificados por um número, de tal forma que o anonimato e sigilo quanto aos participantes fossem garantidos de forma integral.

A análise dos conteúdos dos questionários com os enfermeiros foram realizadas utilizando-se como instrumento metodológico a análise de discurso, distribuídos em eixos temáticos norteadores pelo roteiro do questionário de pesquisa, proporcionando uma organização e compreensão melhor dos assuntos.

3.4 Elaboração do Produto Educacional

Após o levantamento realizado através da revisão integrativa e a aplicação do questionário aos enfermeiros e identificado as lacunas na formação profissional desses profissionais sobre a temática da morte e do morrer, seguimos para a próxima etapa, da construção do produto educacional, para tentar sanar as lacunas

encontradas. Após um período de reflexão sobre o formato de um produto educacional que atendesse de forma eficaz as necessidades dos profissionais da Enfermagem, concluímos que a melhor proposta seria a elaboração de uma Sequência Didática que abordasse assuntos correlatos à compreensão das dimensões da morte e do morrer para estudantes e profissionais da Enfermagem. A primeira etapa foi a construção estética da estrutura da SD; a segunda etapa foi a seleção dos conteúdos que iriam compor a SD, a terceira etapa foi selecionar as metodologias utilizadas para o desenvolvimento dos conteúdos; a quarta etapa foi pensar processos de avaliação do ensino e da aprendizagem e dando prosseguimento identificar o referencial bibliográfico que pudesse atender de forma satisfatória o desenvolvimento da temática. Após a construção da SD foram selecionados especialistas para a avaliação e sugestão no produto educacional. Por fim, após a aplicação das orientações e sugestões dos especialistas, conclui-se a construção do produto educacional no formato de uma SD.

3.5 Validação do Produto Educacional por Especialistas

O processo de elaboração de um produto educacional representa uma etapa central em um Mestrado Profissional. O produto educacional são materiais didáticos elaborados com a finalidade de aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem em todas os ciclos do processo educacional. Ele se constitui de uma etapa mensurável e palpável do desenvolvimento de uma pesquisa científica desenvolvida. Nesse contexto, a validação de um produto educacional tem como objetivo identificar a qualidade, a funcionalidade, a fidedignidade e a relevância, na ação educacional de determinado público-alvo. Os processos, métodos e técnicas para a validação de um produto educacional são variados e diversos. Nesta pesquisa, o processo de validação do produto educacional será realizado por banca de especialistas na temática em estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Revisão da Literatura

A revisão da literatura para compreensão do fenômeno da morte e do processo do morrer, nos apresentou de forma clara e objetiva que a morte considerações importantes como: a morte e o morrer são processos muito mais antigos que a existência humana, uma vez que este fenômeno é comum a todos os seres vivos deste planeta, no entanto somente o homem é capaz de atribuir significado simbólico à morte; historicamente a relação homem e morte se modificou de maneira profunda ao longo da história; a forma como o homem lida com a morte ao longo do tempo sempre foi de estranheza, uma vez que o homem não se identifica com os enfermos e com os moribundos; a morte se constitui com o elemento fundador da cultura, no entanto, vivenciamos uma cultura que nega, interdita, afasta a morte da sua realidade.

A busca da imortalidade, sonho medieval, se constitui hoje em uma obsessão pelo homem, seja através dos produtos farmacológicos ou dos avanços tecnológicos. Vivenciamos tempos que procuram afastar a todo custo o envelhecimento humano, as doenças e a compreender a morte como antônimo de vida e inimiga a ser combatida a qualquer custo.

4.2 Revisão Integrativa

A pesquisa realizada tem por objetivo apresentar os resultados e discutir os dados levantados nesta revisão integrativa e para tal foi selecionado um total de 10 artigos, que abordam o tema voltados para a abordagem do ensino da morte e do morrer no currículo de graduação em Enfermagem.

Após a coleta dos dados procedeu a leitura criteriosa dos títulos, resumo e conteúdo dos artigos. Em seguida catalogaram-se os artigos em fichas de análise documental, adaptada e organizadas da seguinte forma: autores, título, periódicos, ano, objetivo, métodos e resultados. O quadro 1 apresenta a síntese dos artigos analisados nessa pesquisa.

Quadro 01 – Artigos organizados por ano de publicação.

| Autor | Título | Períodos | Ano | Base de Dados | Objetivo | Desenho do Estudo | Resultados |
|---------------------------------|---|--------------------------------|------|---------------|---|--|--|
| ALBUQUERQUE, R.N. <i>et al.</i> | A morte e o morrer sob a ótica de graduandos do curso superior de Enfermagem | <u>CuidArte, Enferm;</u> | 2021 | BDENF | Verificar a percepção do estudante de Enfermagem frente à morte e o morrer durante o processo formativo. | Estudo qualitativo, descritivo, exploratório, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas. | Da análise qualitativa emergiram dois eixos. O primeiro eixo denominado O Fazer revelou as experiências vividas pelos acadêmicos e mostrou o momento em que vivenciaram a prática dos cuidados de Enfermagem ao paciente. O segundo eixo, O Saber e o Sentir, apontou as habilidades cognitivas, emocionais e acadêmicas que foram necessárias para lidar com o óbito do paciente. |
| SANTOS, C.T. <i>et al.</i> | Percepção de acadêmicos de Enfermagem sobre o processo morte e morrer: implicações na formação profissional | <u>Enferm. foco (Brasília)</u> | 2020 | LILACS | Analisar e descrever as percepções dos acadêmicos de Enfermagem frente ao processo de morte e morrer e suas implicações para a formação profissional. | Estudo descritivo de abordagem qualitativa, por meio da entrevista estruturada e analisada pela técnica de análise temática. | Os depoimentos foram sintetizados em quatro unidades temáticas "A morte e seus significados"; "A morte e seu ensino na formação acadêmica"; "Sentimento de preparo para o enfrentamento do processo morte e morrer"; e "A postura do futuro profissional frente às situações que englobam a morte". |

| | | | | | | | |
|----------------------------------|---|--|------|---------|---|---|---|
| MOUR A, L.V. <i>et al.</i> | Ensino da tanatologi a nos cursos de graduaçã o em Enfermag em | <u>Rev.</u> <u>baian</u> <u>a</u> <u>enfer</u> <u>m</u> | 2018 | BDENF | identificar a temática ta natologia n os component es curriculares de cursos d e graduação em Enferm agem. | Método pes quisa quant itativa, descritiva, exploratória e de base documental | Resultados das 31 instituições cad astradas, 5 eram públicas, e 24 privadas, 4 possuíam disciplina de Tanatologia. O contato inicial com a Tanatologia dav a-se no 3º semestre (37% das Instituições), 2º semestre (31%), 1º e 4º semestres (13,8%). Nenhum website e xibia todas as informações, sendo a matriz curricular o documento mais disponibilizado (68,9%). |
| SAMP AIO, C. <i>et al</i> | Aprendiza gem baseada em problema s no ensino da Tanatolog ia, no curso de graduaçã o em Enfermag em | <u>Esc.</u> <u>Anna</u> <u>Nery</u> <u>Rev.</u> <u>Enfer</u> <u>m</u> | 2018 | MEDLINE | Relatar uma experiência metodológic a de aprendiz agem, baseada em problemas, na disciplina de Tanatolo gia. | Relato de experiência de docente s do curso de bacharel ado em Enfermage m, ao utilizar situações- problema influenciada s pela metod ologia da problematiz ação e aprendiza gem baseada em problemas. | A elaboração de três situações- problema ampliou o desenvolvimento do processo formativo em Tanatologia, favoreceu reflexões no decorrer da disciplina e aproximou a teoria de situações reais vivenciadas pelos alunos envol vidos. |

| | | | | | | | |
|-------------|--|-----------------------------------|------|--------|--|---|--|
| LIMA, R. | Conversa ção sobre a morte no processo de cuidar: uma contribuiç ão para a formação do enfermeir o | Rio de Janei ro; s.n; | 2017 | LILACS | Propor uma tecnol ogia de processo de ensino- aprendizag em na formação do enfermei ro sobre a morte e o processo de morrer. | Pesquisa qualitativa, participativa e de validação da tecnologi a aplicada. | A morte se relaciona a crenças religiosas, tristeza pela perda e ansie dade pela morte d os pacientes. Os cuidados mais evidentes foram com o corpo, família e aspectos religioso s, ampliação do conhecimento r eal dos estudantes so bre o tema, reduzindo informações fragmentadas e/ou imaginárias que ampliam a preocupação com a morte, aguçamento da percepção dos sentimentos e cre nças pessoais que influenciam comportamentos no cuidado. Houve diminuição do medo da morte de si e do outro. A tecnologia de processo de ensino mostrou ser um recurso potente para a aprendizagem s obre o cuidar no processo de morte-morrer, viabilizando a educação para a morte, com ampliação do conhecimento s obre o cuidado de si e o cuidado do outro relacionado ao fim de vida. |
|-------------|--|-----------------------------------|------|--------|--|---|--|

| | | | | | | | |
|--------------------------------|---|---------------------------------------|------|--------|---|--|--|
| LIMA, G.M <i>et al.</i> | Ensino da morte por docentes enfermeiros: desafio no processo de formação acadêmica | <u>Rev. RENE</u> ; . | 2016 | LILACS | Compreender a estratégia utilizada por docentes enfermeiros para o ensino acerca da morte e m atividades teórico-práticas do Curso de Enfermagem. | pesquisa qualitativa, utilizou-se a entrevista semiestruturada para coleta de dados e realizada A nálise de Conteúdo. | as docentes acreditavam ser pertinente ensinar sobre a morte, entretanto, muitas não o fazem, destacando como limitação o vínculo com o paciente, a morte na infância, os sentimentos, valores pessoais e ausência de disciplinas específicas. |
| OLIVEIRA, E.S <i>et al.</i> | O processo de morte e morrer na percepção de acadêmicos de Enfermagem | <u>Rev. Enfermagem UFP E online</u> ; | 2016 | BDENF | analisar a percepção dos estudantes antes de Enfermagem diante do processo de morte e morrer. | estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, realizou-se uma entrevista utilizando o um roteiro semiestruturado. | a partir do agrupamento dos resultados, emergiram três categorias temáticas, que revelam a compreensão da morte; os sentimentos vivenciados na prática acadêmica; e a abordagem da temática 'morte' na academia. Os acadêmicos acreditam que uma disciplina ou uma abordagem diferenciada por parte dos docentes seria uma forma de orientá-los melhor para a vida profissional. |

| | | | | | | | |
|------------------------------|--|-----------------------------|------|--------|---|--|--|
| STOC HERO, H. <i>et al.</i> | Sentimentos e dificuldades no enfrentamento do processo de morrer e de morte por graduandos de Enfermagem | <u>Aquichan</u> | 2016 | LILACS | identificar dificuldades encontradas pelos graduandos de Enfermagem no enfrentamento do processo de morrer e morte durante a assistência de pacientes hospitalizados. | revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados LILACS, MEDLINE e BDEnf, em junho de 2014, e compreende o período de 2001 a 2014. | foram encontrados 293 artigos e selecionados 10. Identificam-se como dificuldades o lidar com a finitude; as relações entre aluno e familiares; os vínculos estabelecidos entre aluno-paciente; os sentimentos vivenciados ao cuidar de pacientes terminais. |
| CORD EIRO, E.A <i>et al.</i> | Aproximando-se dos "ossos do ofício" percepção de graduandos de Enfermagem sobre o processo de morte e morrer. | Revista de Enfermagem-UFP E | 2015 | BDENF | Analisar a percepção dos graduandos de Enfermagem acerca do processo de morrer e morte. | Estudo descritivo-exploratório, com delineamento qualitativo, realizado em uma instituição de Ensino Superior (IES). | Consideram-se impotentes e angustiados ao se deparar com a morte e o morrer, vivenciando assim um processo doloroso e de difícil aceitação. Os entrevistados denotaram possuir uma compreensão restrita e simplista do significado de "morrer" |
| BENE DETTI, G. <i>et al.</i> | Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de Enfermagem | <u>Rev. gaúcha enferm.</u> | 2013 | LILACS | objetivo de desvelar o significado do processo morte/morrer para acadêmicos ingressantes no curso de Enfermagem. | Trata-se de uma pesquisa qualitativa, embasada na fenomenologia existencial heideggeriana, | Por este estudo, compreendeu-se que o saber e a morte estão enredados na temporalidade e historicidade de cada ser, sendo necessária uma compreensão científica, filosófica e ética do fenômeno morte/morrer para que o acadêmico possa se preparar para o cuidado humanizado ao doente e sua família. |
| | | | | | | | |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Diante dos dados apresentados nos materiais analisados, elaboramos uma rede de considerações a serem relatadas, levando em consideração o contexto em que a temática da morte e do morrer no currículo de graduação em Enfermagem são retratadas nos estudos aqui apresentados. Dentro dessa realidade, organizamos o aprofundamento das discussões sobre o tema nos seguintes pilares temáticos: um olhar sobre a morte e o ensino da morte e do morrer no contexto do curso de graduação em Enfermagem.

É possível destacar que os objetivo geral dos artigos que foram aqui analisados apresentam muitas semelhanças, uma vez que, buscam identificar as percepções, as visões, as compreensões que os discentes ou docentes do curso de graduação em Enfermagem possuem sobre a temática no seu processo de formação acadêmica. Os diversos trabalhos apontam a importância do tema na formação profissional da Enfermagem considerando que, enquanto profissionais de saúde, especializados nos cuidados em saúde, serão expostos, durante a atuação profissional a situações nas quais vivenciar essa realidade; seja com a perda de um paciente ou lidar com o processo de finitude , nas situações de doença crônica ou sem possibilidades de cura, quando faz-se necessária a aplicação dos cuidados paliativos. Nestas situações, é importante que estes profissionais possam estar atentos a estratégias e ações que favoreçam a mitigação dos sofrimentos físicos, psicológicos, sociais e espirituais, para que ele possa vivenciar seus últimos momentos de vida, marcados com integridade e dignidade humana (Tavares, 2021).

Destaca-se que os estudos analisados possuem como recurso metodológico para a realização das pesquisas o caráter da pesquisa qualitativa, que tem como foco a preocupação com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, trabalha com o universo de significados, de motivações e percepções (Pereira, 2018), desenvolvendo-se dentro do campo descritivo- exploratório e se utilizando de instrumento de coleta de dados a aplicação de questionários, com perfil semiestruturado.

Outrossim, vale destacar das análises dos artigos, que a visão apresentada aos discentes do curso de graduação em Enfermagem sobre a morte pelos docentes, trata-se uma visão restrita ao olhar biologicista, produto do modelo biomédico atual, no qual o homem é compreendido na condição de máquina biológica, composta de células, tecidos, órgãos e sistemas em perfeito funcionamento e que a paralização irreversível dessa fisiologia consiste na morte do organismo (Bianchi, 2018).

Outro aspecto que merece destaque, é a falta de compreensão da vida humana a partir dos ciclos de vida natural que ocorrem em todos os seres vivos, dos mais simples aos mais complexos. A negação ou a invisibilidade da morte como ciclo final da vida por esses profissionais em formação faz com que os mesmos interditem, neguem a morte como fase final. Sendo assim, desenvolvem sua formação seguindo a compreensão da negação da morte, compreendendo-a como uma inimiga a ser combatida utilizando-se de todos os recursos tecnológicos e farmacêuticos existentes. Manter a vida a qualquer custo, esse é o dogma que rege o processo de formação dos enfermeiros (Dornfeld, 2017).

Por fim, em análise dos resultados apresentados pelos artigos estudados nessa pesquisa depreendeu-se que os estudantes assim como os docentes possuem uma compreensão muito distantes, muito apartado sobre o fenômeno da morte e do processo de morrer, ficando assim, destacados as incompreensões, as superficialidades, as fragilidades, os medos, as angústias diante dessa realidade (Tasca, 2021). Reforçando dessa forma, a necessidade de uma revisão, uma mudança de olhar, de comportamentos no currículo de formação desses profissionais; para uma melhor preparação para o seu exercício de labor, em que em vários momentos precisarão lidar, vivenciar o processo de morte e finitude dos pacientes e portanto, deverão estar preparados tecnicamente, psicologicamente, para a compreensão em totalidade, de forma holística de todas as condições de existência humana, sobretudo na finitude (Gomes, 2017).

4.3 Análise Documental e Aplicação dos Questionários aos Profissionais da Enfermagem

Tomando-se como objeto de análise observacional a estrutura curricular do Curso de Enfermagem do UniFOA, destacamos que o curso possui uma carga horária geral de 4.060 horas, dividido em dez períodos semestrais, totalizando um tempo de cinco para a conclusão do curso. O processo de entrada no curso ocorre por meio seleção vestibular, em período semestral. As aulas do curso ocorrem no período noturno.

Quanto a sua organização em disciplinas, o referido curso apresenta disciplinas obrigatórias, disciplinas eletivas, disciplinas optativas e atividades complementares. No tocante à distribuição da carga horária entre as disciplinas que compõem a matriz curricular, observamos que o curso se organiza em 3.710 horas destinadas às disciplinas obrigatórias do curso, 60 horas destinadas a disciplinas eletivas; 60 horas destinadas às disciplinas optativas e 230 horas destinadas para as atividades complementares.

Atualmente o Curso de Graduação em Enfermagem do UniFOA, possui um quadro de docente formado por 33 professores, distribuído em 22 mulheres e 11 homens. Quanto a titulação acadêmica dos docentes, o curso possui 16 professores com titulação de doutorado, 16 professores com titulação de mestre e 01 professor com titulação de especialista.

A Estrutura Curricular do Curso de Graduação em Enfermagem é composta por um total de 51 disciplinas, destas apenas uma disciplina contempla a área de Ciências Humanas e Sociais. Esse formato indica a ênfase de um currículo biologicista e tecnicista na sua composição e no seu funcionamento, fortalecendo a compreensão do humano somente na sua dimensão física e biológica.

Ao analisar a matriz curricular do curso de Enfermagem, observamos a ausência de disciplinas não apenas de que trata a morte e o morrer, mas sobretudo, que destaca a importância das ciências humanas e sociais para a compreensão da existência humana em todas as suas dimensões e do próprio binômio saúde-doença. Assim sendo, não está explicitado na matriz curricular um momento formal para a aprofundamento nas dimensões sociais, culturais, históricas, sociológicas,

psicológicas, educacionais da condição humana e, sobretudo, da abordagem da morte e do morrer, temas essenciais para o exercício do profissional de Enfermagem.

A aplicação dos questionários foram realizados com dez enfermeiros, sendo sete mulheres e três homens, com uma idade média de 30 anos. Os resultados dos conteúdos adquiridos pela realização dos questionários foram organizados em tabelas, composta pelas questões presentes no questionário aplicado aos enfermeiros, seguido pelos dados de identificação fictícios e as respostas produzidas pelos enfermeiros. Conforme tabela abaixo.

Tabela 01- Resultado do Questionário aplicado aos público-alvo da pesquisa.

| Quais são os conhecimentos/e ou saberes que os enfermeiros possuem sobre a temática da morte e do morrer. | | | | | |
|--|--------------|--------------------|------------------|--------|--|
| Questão | Entrevistado | Lotação | Tempo de Serviço | Gênero | Resposta |
| O que você sabe ou entende sobre os aspectos da morte e do morrer? | Enfermeiro 1 | Enfermagem/ UniFOA | 15 anos | M | Entendo os aspectos da morte e do morrer, pelo olhar social no qual a morte é um aspecto que pode ocorrer todos os dias e o morrer uma vez só. |
| | Enfermeiro 2 | Enfermagem/ UniFOA | 11 anos | F | Entendo que os processos da morte e do morrer envolvem aspectos bio-psico-socio-espiritual e cultural do indivíduo e dos familiares. Acho importante que este processo seja atravessado com respeito e dignidade e qualidade de vida, independente, da quantidade de dias. |
| | Enfermeiro 3 | Enfermagem/ UniFOA | 07 anos | F | A morte é um aspecto natural e inevitável, é o fim do corpo. Já morrer vai depender do evento que precedi a morte. |
| | Enfermeiro 4 | Enfermagem/ UniFOA | 18 anos | F | Conhecimento médio, pouco adquirido por cursos, após vivências em cenário profissional e pessoal |
| | Enfermeiro 5 | Enfermagem/ UniFOA | 23 anos | F | Eu entendo morte como finitude no processo de envelhecimento, mais a morte tem mais vertentes que irá depender do tipo de morte. É o rompimento do elo da vida. |
| | Enfermeiro 6 | Enfermagem/ UniFOA | 00 anos | F | Morte-fim da vida; Morrer-verbo, evento que procede a morte. |

| | | | | | |
|--|---------------|--------------------|---------|---|--|
| | Enfermeiro 7 | Enfermagem/ UniFOA | 12 anos | F | Processo que oferece cuidados ao paciente na sua terminalidade. |
| | Enfermeiro 8 | Enfermagem/ UniFOA | 01 mês | M | Entendo a morte como um processo biológico natural, já o processo de morrer penso que existam múltiplas analogias: sociais, culturais e religiosas que podem de certa forma "justificar" tal processo ou explica-lo para compreensão do indivíduo. |
| | Enfermeiro 9 | Enfermagem/ UniFOA | 11 anos | F | A morte é o momento do término da vida que compreende a cessação dos sinais vitais. O processo de morrer envolve aspectos emocionais, psíquicos, sociais e culturais que devem ser respeitados as vontades do paciente e dos familiares. |
| | Enfermeiro 10 | Enfermagem/ UniFOA | 12 anos | M | Compreendo a morte com os aspectos de grandes dificuldades para entende-las e enfrenta-las, como um acontecimento integrante de nossa existência que, tal como o nascer, será vivido por todos: uns mais cedo outros mais tarde. O ser humano não está preparado para aceitar a imposição de que seu destino é morrer e prefere acreditar que a morte é o começo de de uma nova vida infinita. A vida é sempre vista separada da morte, o qual é concebida e vivenciada como um fracasso. Com essa visão, há o esquecimento de que a partir do momento em se nasce, tem-se idade suficiente para morrer, pois a vida e a morte chegam juntas ao mundo. |
| Você teve alguma disciplina em sua estrutura curricular de graduação que abordava o tema da morte e do morrer? | Enfermeiro 1 | Enfermagem/ UniFOA | 15 anos | M | Sim, nas cadeiras educacionais, aprendemos sobre o tema, a partir do cuidado do corpo. |
| | Enfermeiro 2 | Enfermagem/ UniFOA | 11 anos | F | Não, nenhuma. |
| | Enfermeiro 3 | Enfermagem/ UniFOA | 07 anos | F | Não. |
| | Enfermeiro 4 | Enfermagem/ UniFOA | 18 anos | F | Não. |
| | Enfermeiro 5 | Enfermagem/ UniFOA | 23 anos | F | Sim, lembro de muito de uma aula de tanatologia que foi um importante sobre entender a morte. |
| | Enfermeiro 6 | Enfermagem/ UniFOA | 00 anos | F | Não. |
| | Enfermeiro 7 | Enfermagem/ UniFOA | 12 anos | F | Específica não. |

| | | | | | |
|---|---------------|--------------------|---------|---|---|
| | Enfermeiro 8 | Enfermagem/ UniFOA | 01 mês | M | Sim, Psicologia Aplicada à Enfermagem. Entretanto este não era um tema central da disciplina. |
| | Enfermeiro 9 | Enfermagem/ UniFOA | 11 anos | F | Sim, não lembro qual disciplina, mas estudei os aspectos biológicos, filosóficos e éticos do processo de morte e morrer. |
| | Enfermeiro 10 | Enfermagem/ UniFOA | 12 anos | M | Não. |
| Quais sentimentos vivenciados por você no processo de experiência de morte e morrer em sua atividade laboral? | Enfermeiro 1 | Enfermagem/ UniFOA | 15 anos | M | Tristeza e compaixão |
| | Enfermeiro 2 | Enfermagem/ UniFOA | 11 anos | F | Como trabalho em uma Unidade Hospitalar que contempla os cuidados paliativos; vivencio diariamente o enfrentamento de pacientes, familiares e da equipe multidisciplinar frente à terminalidade. Percebo que os sentimentos mais comuns são: medo, ansiedade, tristeza, angústia, ao mesmo tempo que vivenciamos a sensação de reconhecimento, dever cumprido e satisfação em proporcionar dignidade ao binômio paciente/família no processo da morte e do morrer |
| | Enfermeiro 3 | Enfermagem/ UniFOA | 07 anos | | Sentimento de perda, de dor, de ansiedade. Enfim um sentimento muito ruim. Que dependendo do grau de intimidade se torna um sentimento que nunca passa, mas de outra forma, uma dor que passa com o tempo. |
| | Enfermeiro 4 | Enfermagem/ UniFOA | 18 anos | F | Após o curso de “notícias trágicas” minha abordagem ficou mais leve e empática. |
| | Enfermeiro 5 | Enfermagem/ UniFOA | 23 anos | F | Depende do contato da morte, uma morte violenta dói na alma de quem cuida, a morte no processo de uma das fases da vida como finitude, entendo como um processo natural. |
| | Enfermeiro 6 | Enfermagem/ UniFOA | 00 anos | F | Experiência triste. |
| | Enfermeiro 7 | Enfermagem/ UniFOA | 12 anos | F | Respeito. Processo inevitável que envolve emoções e precisamos estar preparados para esse enfrentamento. |
| | Enfermeiro 8 | Enfermagem/ UniFOA | 01 mês | M | Durante o período de estágio, quando vivenciei a primeira experiência de lidar com a morte, me senti despreparado para lidar com a família do falecido. |
| | Enfermeiro 9 | Enfermagem/ UniFOA | 11 anos | F | No início da minha vida profissional não sabia lidar muito bem como os familiares, me sentia ansiosa e triste quando via |

| | | | | | |
|--|---------------|--------------------|---------|---|---|
| | | | | | o sofrimento dos familiares. Depois de cinco anos atuando me acostumei com o processo e não ficava mais ansiosa, aprendi a encarar como um processo natural da vida e acolher melhor familiares. |
| | Enfermeiro 10 | Enfermagem/ UniFOA | 12 anos | M | São sentimentos, de tristeza, angústia, medo pois a gente tenta não sofrer muito, porque esta questão é difícil ainda, mas em unidades hospitalares de grande complexidade que a gente tem óbito quase todos os dias, e a gente tem que estar tentando criar meios para que a gente não sofra tanto, se não a gente acaba ficando muito sensível e isso é muito ruim em questão profissional. |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Quanto ao aspecto de caracterização dos participantes da pesquisa quanto ao gênero, observou-se que as mulheres representam a maioria dos entrevistados, com sete mulheres participantes e os homens, apenas três participantes no estudo. Nesse sentido, podemos destacar que, o estudo das relações de gênero na Enfermagem perpassa a história do desenvolvimento da própria profissão. As atividades de cuidados em saúde, desde os seus primórdios sempre esteve intimamente ligado às funções desenvolvidas pelas mulheres, dentro dos grupos sociais ou mesmo, dentro das sociedades mais complexas.

Quando analisamos o tempo de formação e atuação profissional, fica evidente que a maioria dos entrevistados possuem mais de dez anos de atuação profissional. É possível que esses profissionais vivenciaram uma formação acadêmica e profissional na Enfermagem baseada no contexto do modelo cartesiano, racionalista e tecnicista, com disciplinas marcadas por uma fragmentação curricular e com uma perspectiva de cuidados em saúde na dimensão para o desenvolvimento de uma assistência em saúde de caráter prioritariamente biológica.

Quando questionados sobre a sua compreensão sobre a morte e o morrer, os entrevistados apresentaram um discurso diferenciado em suas respostas, mas a mensagem convergente é de que a morte é concebida como um processo biológico, natural, do fim da vida, que sucede o envelhecimento. Tal concepção associa a morte

à sua compreensão biológica, de finitude do corpo, da parada de forma irreversível das funções biológicas.

Outro aspecto marcante nas falas dos entrevistados é compreensão de que o fenômeno da morte e o processo de morrer são fenômenos iguais, que possuem o mesmo significado, não apresentando diferenciação entre ambos. Nesse sentido, destacamos que a morte representa a fase final do ciclo de vida de todos os seres vivos, a fase contrária a fase inicial, que é o nascimento. Desta forma, o contrário, o antagonico de morrer, não é a vida, e sim, o nascimento.

Ainda que cite os aspectos sociais, culturais, psicológicos associados a morte e o morrer, pouca ênfase é dada sobre a importância dessas dimensões. Quando questionados sobre se tinha tido no ensino de graduação em Enfermagem uma disciplina específica que abordasse a temática da morte e do morrer, os participantes afirmaram que não tiveram nenhuma disciplina/e ou formação específica para o conhecimento da morte e do morrer no seu processo de formação acadêmica.

Observa-se que, nos últimos anos, os cursos de graduação em Enfermagem no Brasil de uma forma geral, vem procurando reformular e atualizar seu Projeto Pedagógico Curricular, incluindo as temáticas relacionadas com a Tanatologia e os Cuidados Paliativos, seja na condição de disciplinas obrigatórias ou no rol de disciplinas eletivas ou optativas. Estas reformulações estão ancoradas na Resolução do Conselho do Nacional de Saúde (CNS) nº 573 de 31 de janeiro de 2018 (Brasil, 2018), como também na compreensão da transição epidemiológica que o Brasil vem vivenciando nas últimas décadas, causados sobretudo pelas mudanças nas causas de mortalidade e morbidade secundárias às transformações sociais e econômicas, que explicitam a modificação do perfil de adoecimento da população brasileira, sobretudo de doenças crônicas não transmissíveis, como as doenças cardiovasculares e o câncer (Vasconcelos & Gomes, 2012; Guimarães et al., 2012).

Outro elemento que também contribui de forma significativa para a necessidade das reformulações na estrutura curricular do cursos de graduação em Enfermagem no Brasil é à criação de políticas públicas de saúde que abranjam à Rede de Atenção à Saúde, na perspectiva da Atenção Primária, Secundária e Terciária do Sistema Único de Saúde, dentre elas a Resolução nº 41, de 31 de outubro de 2018, que dispõe sobre as diretrizes sobre a organização dos cuidados paliativo

(Brasil, 2018); assim como também, as modificações na atualização do Código de Ética que rege a formação e as condutas dos Profissionais de Enfermagem (Cofen, 2017), que destaca as atitudes, os comportamentos e as condutas no exercício das atividades laborais dos profissionais de Enfermagem quanto à assistência, no sentido de promover a qualidade de vida em todas as fases do ciclo de vida da humano desde o processo do nascer, viver, morrer e luto; e, nas condições de doenças graves incuráveis e terminais com risco iminente de morte, oferecer de forma irrestrita ao cliente todos os cuidados paliativos disponíveis dentro do ambiente hospitalar para que dessa forma possa assegurar o conforto físico, psíquico, social e espiritual, tanto a pessoa hospitalizado, como também aos seus familiares, num contexto em que a vontade da pessoa doente ou de seu representante jurídico, seja sempre respeitada de forma integral (Pedreda, 2013).

Poucos participantes da pesquisa afirmaram terem tido contato com a temática da morte e do morrer na sua formação acadêmica, por outras disciplinas, como disciplinas de caráter educacional ou disciplinas de Psicologia da Saúde. No entanto, relataram que o contato foi rápido, informal e superficial, uma vez que a temática da morte e do morrer não se constituíam como objetos de estudos específicos das disciplinas. Somente uma participante afirma ter tido contato com a disciplina de Tanatologia em sua formação acadêmica.

Sugere-se processos de reestruturação e atualização do currículo do curso de Enfermagem do curso pesquisado e dos demais cursos de graduação em Enfermagem cuja temática da morte não seja abordada para que, dessa forma, possamos sanar essa lacuna apresentada pela falta de uma formação holística que compreenda o ser humano em todas as fases do seu ciclo de vida; e, sobretudo na sua fase de finitude, de morte e morrer.

Um dos caminhos que podem utilizar como possibilidade de mitigar essa questão consiste na introdução na estrutura curricular dos cursos de graduação em Enfermagem a incorporação de disciplinas específicas que podem dar aporte à compreensão do processo de morrer e da morte do ser humano; como por exemplo Tanatologia; Formação em Cuidados Paliativos, Filosofia da Morte, Antropologia da Morte, Psicologia da Morte, Sociologia da Morte, História da Morte, Educação para a Morte, Espiritualidade e Morte. Ou mesmo de disciplinas secundárias, mas que podem oferecer um suporte na compreensão do fenômeno da morte e do morrer, como

Filosofia da Saúde, Antropologia da Saúde, Psicologia da Saúde, Sociologia da Saúde, História da Saúde, entre outras (Esquerdo; Pegoraro, 2010).

Destaca-se que o binômio saúde-doença não pode ser compreendido somente à luz dos fenômenos biológicos, pelos instrumentos de ensino da anatomia, fisiologia, bioquímica, biofísica, patologia, semiologia, mas deve ser levado em consideração o contexto social ao qual o indivíduo está inserido, considerando assim a sua pluralidade social, político, econômica, histórica, cultural, espiritual (Santos, 2012).

Ao serem questionados sobre os sentimentos despertados quando vivenciaram a experiência da morte e do morrer em sua atividade profissional, os profissionais destacaram sentimentos muito parecidos como: medo, angústia, tristeza, ansiedade, compaixão, dor, sentimento de perda, respeito. Ainda que as experiências humanas sejam elementos da subjetividade, portanto específicas para cada pessoa, dentro do seu contexto sociocultural, percebemos que a morte e o morrer despertam sentimentos muito semelhantes nas pessoas, sendo que os sentimentos envolvidos são geradores de desconforto, quase na sua totalidade.

Ainda dentro desse contexto, podemos destacar que esta multidimensionalidade está relacionada a múltiplas variáveis, dentre elas, à exposição à morte do outro; à influência do tipo de morte que ocorreu (suicídio, homicídio, morte natural); ao desenvolvimento emocional da pessoa; à duração de uma doença grave; à idade de um paciente ou familiar em processo de morte ou da parente que se perdeu (Hoelter, 1979). Assim sendo, verificou-se que o contato direto com a morte tem influência sobre o medo consciente, medo do processo de morrer e o medo da morte prematura.

Portanto, percebe na fala dos entrevistados que o sentimento de medo, de incapacidade, de desconforto, são os sentimentos mais comuns apresentados pelos enfermeiros nas suas primeiras experiências no contato com a morte e o morrer. Por outro lado, os sentimentos de tristeza, dor, perda, ansiedade diante da morte de um cliente está associado à sua formação profissional que eles receberam para salvar a vida a qualquer custo, de manter a vida preservada por qualquer meio. Nesse sentido, a morte do cliente gera nesse profissional o sentimento de fracasso, de incapacitado, de perda, de fragilidade, por não ter conseguido manter vivo seu cliente, função que ele compreende que foi formado para desenvolver (Lipp, 2015).

Assim sendo, diante das dificuldades e desafios identificadas nos documentos e discurso dos profissionais da Enfermagem sobre o processo de morrer e o fenômeno da morte, desenvolveu-se um produto educacional, no contexto de recurso didático pedagógico, uma Sequência Didática, a ser aplicado no âmbito da formação continuada, para atualização dos conhecimentos/e ou saberes destes profissionais com o objetivo de prepara-los para lidar com a complexidade que o processo de morrer e o fenômeno da morte exige do exercício da Enfermagem.

5 PRODUTO EDUCACIONAL: CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO

5.1 Referencial Teórico

Considerando o contexto atual, ao qual estamos inseridos, na chamada sociedade da informação, podemos afirmar que nunca na história da humanidade se produziu tantas informações e de forma tão acelerada como nos dias atuais (Martini, 2017), de forma que os avanços tecnológicos e os avanços dos meios de comunicação permitem um compartilhamento muito rápido das informações, em todos os contextos.

O homem contemporâneo encontra-se imerso em um infinito oceano de informações, sobre todas as condições da existência humana, como informações dos contextos sociais, culturais, científicas, filosóficas, religiosas, políticas, econômicas, ambientais, educacionais, entre tantos outros. Enfim, vivemos no tempo do império das informações (Luz, 2019), no entanto, considerando essa gigantesca onda de informações, isso faz de nós seres com mais conhecimentos? (Fava, 2018).

Podemos afirmar que o sucesso evolutivo e adaptativo do homem enquanto organismo se deu em grande parte pelas suas características biológicas, mas também foi sua capacidade de aprender e compreender a dinâmica da natureza selvagem que lhe cercava, que lhe permitiu conviver harmonicamente com ela (Souza, 2015). Sendo assim, a grande questão que se coloca diante de nós é compreender como o homem é capaz de aprender e compreender o mundo em que ele está inserido.

Os saberes adquiridos pelo homem ao longo de sua história eram transmitidos para as novas gerações sobre duas condições básicas. Nas sociedades ágrafas, ou seja, sem escrita, os saberes conquistados e acumulados eram transmitidos por meio

de uma educação informal, realizada com a ação da família e das relações sociais do grupo ao qual estava inserido (Cabo, 2023). Esse processo se constituía através da oralidade, cabendo aos mais velhos a função transmitir aos mais jovens do grupo todos os conhecimentos necessários para poderem torna-se adultos fortes e sábios (Kramer, 1999).

Em contrapartida, nas sociedades onde a escrita se desenvolveu, os saberes eram repassados para as novas gerações por registros, sejam em pedras ou papiros, gerando assim os manuscritos (Chagas, 2010). Dentro desse contexto, os primeiros símbolos criados pelo homem surgiram na região da baixa Mesopotâmia e consistiam em ideogramas e pictogramas que eram desenhos representativos de objetos; mais tarde, surgiu a criação do primeiro alfabeto pelos fenícios a 2000 anos a.C. (Robinson, 2018). Esses avanços na escrita foram essenciais para a imortalidade dos saberes adquiridos pelo homem, nas suas condições de vida material e imaterial dos povos da antiguidade (Miyashiro, 2015).

A Educação, enquanto conhecimento pertencente às ciências humanas, buscou, com o surgimento da Psicologia enquanto ciência, investigar e construir um campo teórico que explicasse cientificamente como o homem, enquanto ser social e cultural, aprende (Meksenas, 2002). Procurou esclarecer por qual processos ou métodos o homem adquire e elabora seus saberes, os seus conhecimentos. A Psicologia, e mais especificamente a Psicologia da Educação, busca explicar as principais teorias da aprendizagem e como se dá o processo de aprendizagem. Em outras palavras, poderíamos dizer que procura identificar os principais elementos e estruturas associados ao processo de aprendizagem, de construção dos conhecimentos necessários para que o homem elabore seus saberes, seus conhecimentos (Piovesan, 2018).

O processo educacional não pode ser compreendido fora do seu contexto histórico, social e cultural concreto. Podemos afirmar que a prática social é o ponto de partida e o ponto de chegada da ação pedagógica. Esse processo está implícito tanto na ação educação informal, no contexto da família e do convívio social, como na educação formal, representada pelo contexto escolar e institucional (Aranha, 2006).

Vale destacar que dentre os princípios que fundamentam as teorias da aprendizagem, algumas buscam fundamentações biológicas para o aprendizado,

outras buscam fundamentos sociais e outras mesclam fundamentos biológicos e sociais em sua elaboração teórica. É importante termos em mente que a aprendizagem não representa uma definição ou conceito fechado e abacado, mas é compreendida, entendida, dentro do contexto, da matriz teórica de cada autor (Lima, 2023).

Dentre as teorias de aprendizagem, este trabalho tem como fundamento uma teoria oriunda do pensamento racionalista, na sua linha de divisão o Interacionismo/Construtivismo e mais especificamente o Socio-Interacionismo, a teoria do conhecimento ou da aprendizagem criada e desenvolvida por Henri Wallon que ficou conhecida como Psicogênese da Pessoa (Galvão, 2023). Nessa perspectiva, essa teoria fundamentará o desenvolvimento desse trabalho, no que tange a função do produto educacional no seu processo de ensino-aprendizagem.

Henri Paul Hyacinthe Wallon nasceu em 15 de junho de 1879 em Paris, na França, e morre em 1 de dezembro 1962, também em Paris, aos 82 anos. Henri Wallon teve uma formação acadêmica sólida e diversificada, seus trabalhos sempre tiveram uma ligação muito próxima com a Educação. Sua vida acadêmica inicia-se com a sua formação em Filosofia em 1902, aos 23 anos de idade, na Escola Normal Superior, e mais tarde forma-se em Medicina, em 1908. Seus primeiros trabalhos e estudos foram desenvolvidos com crianças portadoras de deficiência mental (Galvão, 2023). Teve seus estudos reconhecidos internacionalmente, suas pesquisas sempre estiveram largamente associadas à compreensão do desenvolvimento humano. Nesse contexto, suas pesquisas deram enorme contribuição ao campo da Psicologia e sobretudo dentro do contexto da Educação.

Apresentando uma formação acadêmica eclética em medicina, filosofia e psicologia, Henri Wallon dedicou seus trabalhos a compreender o funcionamento do psiquismo humano. Ele defendia que, ao estudar os processos de desenvolvimento humano, era possível conhecer a gênese dos processos psíquicos (Santos, 2017). A teoria desenvolvida por Henri Wallon aborda de uma cronologia das transformações que o sujeito sofre ao longo da vida, até tornar-se adulto (Galvão, 2023).

Dentro deste contexto, Henri Wallon defendia que a existência do homem possui duas faces, a biológica e a social, e a construção, a elaboração dessa existência humana acontece na interação entre o organismo e a sociedade (Guhur, 2005).

De acordo com Wallon, para compreendermos o comportamento de uma criança é necessário entendermos o contexto familiar, social e cultural ao qual a criança está inserida (Santos, 2017). Nesse sentido, podemos inferir que são as condições de cada fase da criança e as condições do meio em que ela se encontra influenciando profundamente no seu processo de desenvolvimento humano (Guhur, 2005). A cada idade, a cada fase da criança, surgiram necessidades e competências específicas que envolvem os aspectos da afetividade, do cognitivo e motor da criança, estabelecendo relações específicas entre a criança e o seu meio. Meio este de onde ela vai extrair os recursos necessários para o seu desenvolvimento, tornando-se assim, uma pessoa completa (Santos, 2017).

Nesse processo de desenvolvimento da criança, para torna-se uma pessoa adulta, ela passará por alguns estágios de desenvolvimento na sua psicogênese. As principais fases que Wallon destaca nesse processo são: 1) Estágio Impulsivo-Emocional: período que vai de 0-1 ano, cuja a ênfase é o emocional, neste período predomina o aspecto afetivo na criança. 2) Estágio Sensório-Motor e Projetivo: vai dos 1-3 anos, nessa fase a criança se interessa pela exploração sensório- motor do mundo físico, nesse período predomina o cognitivo. 3) Estágio do Personalismo- vai de 03-06 anos, fase do desenvolvimento da personalidade e a construção da consciência de si, nesse momento predomina o afetivo. 4) Estágio Categorical- ocorre a partir dos 06 anos, fase de avanços intelectuais significativos, dirigindo os interesses da criança para o conhecimento e conquista do mundo interior, nesse estágio predomina o aspecto cognitivo. 5) Estágio da Puberdade e da Adolescência- acima dos 12 anos, fase de início da crise da puberdade, marcada pela necessidade de novos contornos em torno da personalidade, em consequência das mudanças corporais; nesse momento emergem questões pessoais, morais, existências, comum nos adolescentes (Santos, 2017). Nesse estágio ocorre o predomínio da afetividade.

Os estágios propostos são lineares, mas não apresentam rupturas com a fase anterior, cada um dos estágios apresentados traz consigo conquistas. Outro aspecto importante consiste no fato de que, mesmo havendo predomínio de aspectos em cada fase, não significa dizer que os demais aspectos não estejam presentes naquele momento, naquela fase (Morais, 2022).

A teoria proposta por Henri Wallon se sustenta em quatro campos funcionais, que são: o movimento, a afetividade, a inteligência e a pessoa em si. A pessoa

consiste de um campo funcional que gerencia os outros três campos (Morais, 2022). O desenvolvimento humano da pessoa está associado a várias possibilidades e também necessidades existenciais do ser e, apesar do indivíduo apresentar as suas ferramentas inatas, faz-se necessário a intervenção das condições do meio para que elas possam de desenvolver e serem usadas pelo indivíduo. Sendo assim, para Wallon no mundo tudo se conecta e se transforma, inclusive nós, seres humanos, quando estamos expostos às múltiplas condições do ambiente (Morais, 2022).

Wallon defende que o homem deve ser compreendido de forma integral, de forma holística, de forma completa, enquanto ser (Morais, 2022). Ao procurar analisar, ao estudar a criança em seu processo de desenvolvimento humano, devemos levar em consideração todas as dimensões existências que ela apresenta, como o biológico, o afetivo, o motor, o social, o intelectual.

Dentro dessa perspectiva, no que concerne o binômio ensino-aprendizagem, o papel do professor frente ao ensino está para além da ênfase no aspecto cognitivo da criança. Seu foco deve estar em dimensões mais amplas de condição do aluno. No pensamento de Wallon, a dimensão afetiva do estudante é fator essencial no processo de aprendizagem, ela representa o carro motor para o desenvolvimento das outras dimensões (Morais, 2022). Outrossim, os movimentos, as posições de um aluno em sala de aula ou em espaços de aprendizagem falam muito sobre a sua relação com o saber, com a sua aprendizagem. Suas interações com o professor e com os colegas é outro elemento de fundamental importância no seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem (Morais, 2022).

Assim sendo, dentro do contexto descrito, a posição assumida pelo professor em sala de aula ou em qualquer espaço de aprendizagem está para além dos conteúdos e da explicação dos conceitos ou teorias, ele precisa estar atento na sua condição também de observador dos corpos, das falas, dos movimentos, das expressões, das posições, das interações dos alunos, enquanto indivíduos em processo constante de desenvolvimento integral, para torna-se pessoa (Tébar, 2023).

Dessa forma, a aplicação de uma visão holística, integral da criança para poder avaliar o seu processo de desenvolvimento em todas as suas dimensões, dentro de um contexto social e cultural é condição *sine qua non* no pensamento e na teoria

criada e desenvolvida por Henri Wallon sobre o desenvolvimento humano para tornar-se pessoa (Brikman, 2014).

Em conformidade, dentro do contexto descrito até o presente momento, e consubstanciado pela teoria da aprendizagem apresentada por Henri Wallon, o presente trabalho intentará na elaboração de um produto educacional, exigência dos mestrandos profissionais, para a fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem no âmbito do Curso de Graduação em Enfermagem, sobre o tema da morte e do morrer, numa perspectiva humanística, integral e holística (Santos, 2017). Considerando que a Educação e o processo didático pedagógico possuem muitas possibilidades de recursos voltados para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, para alcançar os fins a que se propõem a Educação Formal e Informal, neste sentido, o produto educacional trata-se de um recurso didático pedagógico denominado de Sequência Didática (Libâneo, 2017).

5.2 Sequência Didática

De forma sintética, uma Sequência Didática (SD) pode ser conceituada como uma forma sistemática de organização de um conjunto sequencial de atividades com fins de aprendizagem. As SD contribuem com a melhoria da educação e garantem uma eficiência maior no processo interativo educacional entre professor e aluno, e deste com os demais colegas em sala de aula ou em outros espaços de aprendizagem (Veiga, 2013).

Para Zabala (1998), a SD é compreendida como um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelo professor como pelo aluno. Nesse contexto, o processo de ensino-aprendizagem se configura como um processo democrático, participativo, dinâmico e sobretudo, um processo coletivo, em sua construção teórica e prática.

As primeiras SD surgiram na França, em meados dos anos de 1980, no entanto, somente uma década mais tarde, esse recurso didático pedagógico alcança o território da educação brasileira, em 1990 (Saviani, 2021). Pode-se

afirmar que, em meio ao processo de globalização, as profundas mudanças causadas pelo surgimento da internet e de formas de comunicações digitais mais rápidas, as SD trazem ao campo da educação profundas modificações no processo de ensino-aprendizagem, reconfigurando as posições do saber tanto dos professores como dos alunos (Lira, 2019). Ademais, a estrutura de uma educação linear e unidirecional se modifica para uma educação em rede, modificando dessa forma a posição do saber, agora configurado em uma grande teia. O saber nesse contexto muda do sentido vertical, linear; para uma condição horizontal, em rede (Veiga-Neto, 2019).

Quando compreendemos que a Educação se constitui como um processo histórico, social, político e cultural, entendemos que a utilização de metodologias diversificadas e variadas modalidades didáticas mostra-se como uma estratégia sólida, válida e promissora na tentativa de atender de forma igualitária as diferenças individuais dos discentes no que se refere à maneira como eles aprendem e se apropriam dos conhecimentos abordados (Taxini et al, 2012).

Em conformidade, podemos afirmar que as SD organizam e propõem recursos didáticos-pedagógicos dinâmicos, uma vez que são recursos didáticos planejados para o ensino de conteúdos de forma sequencial, etapa por etapa, sistematizados de acordo com os objetivos destacados pelo professor visa alcançar ao final do processo de ensino (Alves, 2018). Nesse sentido, as SD envolvem conjuntos de atividades com foco no ensino e na aprendizagem, bem como da avaliação do processo pedagógico, permitindo, assim, a intervenção do processo a qualquer momento no desenvolvimento das atividades elaboradas.

É importante que se destaque nesse processo de construção da SD o planejamento prévio e reflexivo das atividades propostas, como instrumentos necessários para a construção, a elaboração da aprendizagem e o alcance dos objetivos elencados pelo professor (André, 2018). Dessa forma, compreendemos que o trabalho desenvolvido com as SD podem facilitar a elaboração de situações-problemas envolvendo a área de conhecimento, por meio de atividades e exercícios múltiplos e variados, com a finalidade de ajudar o aluno a ampliar e consolidar aprendizagens, conceitos, procedimentos, atitudes e representações simbólicas a partir de situações de resolução dos

mais variados problemas com diversas situações de uso que dão significado aos conceitos elaborados (Maroquio, 2014).

Ademais, segundo Dolz e Schneuwly (2004), a SD deve ser concebida considerando o que os alunos já sabem, e a cada etapa deve aumentar o grau de dificuldades. A atividade deve permitir a transformação gradual de seus conhecimentos.

Para Zabala (1998), a abordagem dos conteúdos deve seguir três categorias: a) conceituais- refere-se a construção ativa de capacidades intelectuais para operar símbolos, imagens, ideias e representações que permitam organizar as realidades; b) atitudinais- refere-se à formação de atitudes e valores em relação à formação teórica recebida pelo aluno, visa a intervenção do aluno na sua realidade, na concretização das ações, na reflexão sobre a própria atividade e no seu desenvolvimento em contextos diferenciados; c) procedimentais- refere-se ao conjunto de ações coordenadas dirigidas para a realização de um objetivo; são conteúdos procedimentais: ler, desenhar, observar, classificar, traduzir, recortar, saltar, inferir, calcular etc.

Considerando que o processo didático pedagógico é um fenômeno dinâmico, complexo e diversificado, é necessário enfatizar que todas as ações, movimentos, comportamentos ou atitudes que realizarmos em aula, por menos que eles possam parecer, incide em maior ou menor grau na aprendizagem dos alunos e conseqüentemente na sua formação escolar e pessoal (Zabala, 2015).

Diante do exposto, o presente trabalho desenvolveu como produto educacional o recurso didático- pedagógico a elaboração de uma SD, abordando como tema central a Educação para a Morte. Fundamenta-se nos pressupostos teóricos da teoria elaborada e desenvolvida pela psicóloga e professora da Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo Maria Júlia Kovács. Segunda Kovács, a morte e o morrer se constituem de temas que não podem ser ensinados, como uma experiência que não pode ser vivenciado pelo ser, uma vez que, ao experienciar a morte e o morrer, o ser já não se encontrará mais entre os viventes para descrever os sentimentos, as sensações, as emoções, as angústias que o fenômeno da morte e do morrer podem causar ao indivíduo.

Nessa perspectiva, partimos do pressuposto que a medida que a morte e o morrer do ser não podem ser ensinados, podemos então construir uma perspectiva de uma educação para a morte e para o morrer humano (Pinho, 2017), considerando que essa se constitui em experiência única e pela qual todos nós em um dado momento incerto iremos viver.

Pensar em uma Educação para a Morte nos remete a formação moral, a formação ética, formação humana das pessoas e dos profissionais de uma forma geral.

Vale destacar o papel fundamental das Ciências Humanas e Sociais na formação dos profissionais e das pessoas de uma forma geral, na construção da formação humana e social das sociedades, para o fortalecimento dos vínculos humanos e sociais tão necessários nas relações humanas, mas no entanto, tão escasso nas sociedades capitalistas, racionalistas, tecnicistas e individualistas ao qual estamos inseridos nos dias hoje (Veiga, 2008).

6 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional que constitui esta dissertação trata-se de uma SD, após a conclusão dos levantamentos teóricos e práticos realizados sobre o tema do presente estudo, identificou-se muitas lacunas na formação dos profissionais de Enfermagem, sobre a temática da compreensão e das vivências sobre a morte e o morrer no exercício de suas profissões. De tal forma, que se refletiu muito sobre um produto educacional que pudesse atender de forma eficaz e eficiente as necessidades dos profissionais de Enfermagem diante dessa realidade e diante de algumas leituras, visualização de aulas, diálogos definiu-se que o instrumento didático pedagógico conhecido como SD poderia atender satisfatoriamente as necessidades dos profissionais. Mediante a complexidade que representa o fenômeno de morte e o processo de morrer optamos por trabalhar o tema através de pilares de conhecimentos necessários para a construção de uma Educação para a Morte. De tal forma que, cada área do conhecimento contribuísse com os conhecimentos e as práticas essenciais para a compreensão e as vivências diante da temática em estudo. É importante construir uma cultura, que da mesma forma que valoriza o nascimento de um

novo ser, também aprenda a preparar-se e compreender o processo de partida, de finitude desse mesmo ser. Diante dessa realidade, fica claro nas falas do profissionais entrevistados a falta de embasamento teórico e também de vivência para lidar com essa questão, uma vez que são treinados tecnicamente para cuidar do enfermo de modo que impeça sua morte a qualquer custo; seja ele tecnológico ou farmacológico. Compreendendo dentro desse contexto a morte e o morrer com uma mal a ser eliminado, uma inimiga a ser vencida e não como uma fase natural do ciclo de vida do homem. Essa atitude desses profissionais é até certo ponto compreensível, uma vez que, a busca pela imortalidade se constitui um anseio e um desejo do homem a séculos. No entanto, é preciso compreender e aceitar, que isto é algo que não está ao alcance da nossa realidade existencial.

6.1 Sequência Didática: Educação para a Morte

A SD proposta possui como eixo central a Educação para a Morte subdividida em subtemas como: a Introdução ao Estudos da Morte e do Morrer; Fundamentos Biológicos da Morte; Fundamentos Históricos da Morte; Fundamentos Filosóficos da Morte; Fundamentos Antropológicos da Morte; Fundamentos Sociológicos da Morte; Fundamentos Psicológicos da Morte; Fundamentos de Espiritualidade e Morte e culminando com a Educação para Morte.

A SD foi estruturada de forma a contemplar dez encontros, com uma carga horária de uma hora aula para cada encontro. Totalizando 10 horas aula. No desenvolvimento da SD, cada encontro presencial apresenta um tema específico, com objetivo próprio, metodologia diferenciada, recursos didáticos, avaliação e referencial bibliográficos, todos específicos para atender cada momento de aprendizagem. A SD foi elaborada para ser desenvolvida e implementada dentro do contexto de formação continuada dos profissionais da Enfermagem.

6.2 Validação da Sequência Didática por Juízes

A validação da SD como produto educacional foi realizada por meio de banca avaliadora formado por uma equipe multidisciplinar composta por Enfermeiro, Psicólogo, Filósofo e Pedagogo, todos docentes de Instituições Federais de Ensino Superior do Brasil. Dentre os critérios utilizados para selecionar os profissionais responsáveis pela avaliação do produto educacional, foram utilizados: possuírem formação inicial na área específica, apresentarem titulação acadêmica de doutores e possuírem o tempo mínimo de dez anos de experiência como docentes no Ensino Superior.

Após a composição da Banca Avaliadora do produto educacional, foi encaminhado aos membros por e-mail uma carta de apresentação do produto educacional, o produto educacional- a Sequência Didática e uma ficha de avaliação do produto, elaborados pelos autores. Os membros tiveram o prazo de 30 dias para tirarem dúvidas sobre a avaliação do produto e encaminharem por e-mail o resultado da avaliação do produto educacional.

Para a avaliação do produto educacional-SD, os membros foram orientados a realizar a avaliação da estrutura estética, a organização estrutural do produto, se estava de acordo com as exigências mínimas de uma sequência didática; avaliação dos conteúdos propostos no produto educacional se atenderiam os objetivos do tema geral da SD proposto; bem como, analisar as metodologias de ensino, os recursos didáticos propostos e os processos de avaliação do ensino-aprendizagem, presentes no produto (anexo ? – inserir a ficha de avaliação em anexo).

Ao final do prazo estabelecido todos os avaliadores devolveram as fichas de avaliação do produto educacional, com avaliações concordantes na maioria dos itens avaliados e apresentando como conclusão a aprovação da SD, destacando a sua importância dentro do contexto profissional e com ressalvas de procurar acrescentar referências bibliográficas ao produto. Conforme demonstra as tabelas abaixo.

Tabela 02-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 01.

| Questão Avaliada | | |
|---|----------------|--|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| Complexidade – compreende se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional. *Mais de um item pode ser marcado | Avaliador 1 | <p><input checked="" type="checkbox"/> O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese.</p> <p><input type="checkbox"/> Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.</p> |
| | Avaliador 2 | <p><input type="checkbox"/> O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese.</p> <p><input type="checkbox"/> A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese.</p> <p><input type="checkbox"/> Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.</p> |
| | Avaliador 3 | <p><input checked="" type="checkbox"/> O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese.</p> <p><input type="checkbox"/> Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.</p> |
| | Avaliador 4 | <p><input checked="" type="checkbox"/> O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE.</p> <p><input type="checkbox"/> Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese.</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.</p> |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 03-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 02.

| Questão Avaliada | | |
|---|----------------|---|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| Impacto – considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. É importante destacar se a demanda foi espontânea ou contratada. | Avaliador 1 | () Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do docente. (x) Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do docente. |
| | Avaliador 2 | () Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do docente. (x) Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do docente. |
| | Avaliador 3 | () Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do docente. (x) Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do docente. |
| | Avaliador 4 | () Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do docente. (x) Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do docente. |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 04-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 03.

| Questão Avaliada | | |
|---|----------------|---|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| Aplicabilidade – relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso e compartilhamento que o PE possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas | Avaliador 1 | () PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa. () PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado. (x) PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição. |
| | Avaliador 2 | (x) PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa. () PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado. () PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de |

| | | |
|--|-------------|--|
| | | replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição. |
| | Avaliador 3 | <input checked="" type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa. <input type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado. <input type="checkbox"/> PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição. |
| | Avaliador 4 | <input type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa. <input checked="" type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado. <input checked="" type="checkbox"/> PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição. |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 05-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 04

| Questão Avaliada | | |
|--|----------------|--|
| Critério de Análise | Avaliador/Juiz | Resposta do Avaliador |
| Acesso – relaciona-se à forma de acesso do PE. | Avaliador 1 | <input type="checkbox"/> PE sem acesso. <input type="checkbox"/> PE com acesso via rede fechada. <input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito. <input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. <input checked="" type="checkbox"/> PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito. |
| | Avaliador 2 | <input type="checkbox"/> PE sem acesso. <input type="checkbox"/> PE com acesso via rede fechada. <input checked="" type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito. <input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. <input type="checkbox"/> PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito. |
| | Avaliador 3 | <input type="checkbox"/> PE sem acesso. <input type="checkbox"/> PE com acesso via rede fechada. <input checked="" type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito. <input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. <input checked="" type="checkbox"/> PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito. |
| | Avaliador 4 | <input type="checkbox"/> PE sem acesso. <input type="checkbox"/> PE com acesso via rede fechada. |

| | | |
|--|--|---|
| | | <input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito. <input checked="" type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. <input checked="" type="checkbox"/> PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito. |
|--|--|---|

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 06-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 05.

| Questão Avaliada | | |
|--|----------------|---|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| <p>Aderência – compreende-se como a origem do PE apresenta origens nas atividades oriundas das linhas e projetos de pesquisas do PPG em avaliação.</p> | Avaliador 1 | <input type="checkbox"/> Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. <input checked="" type="checkbox"/> Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. |
| | Avaliador 2 | <input type="checkbox"/> Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. <input checked="" type="checkbox"/> Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. |
| | Avaliador 3 | <input type="checkbox"/> Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. <input checked="" type="checkbox"/> Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. |
| | Avaliador 4 | <input type="checkbox"/> Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. <input checked="" type="checkbox"/> Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG stricto sensu ao qual está filiado. |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 07-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 06.

| Questão Avaliada | | |
|--|----------------|--|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| <p>Inovação – considera-se que o PE é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revisitado de forma inovadora e original.</p> | Avaliador 1 | <input type="checkbox"/> PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento forma inovadora e original. inédito). <input checked="" type="checkbox"/> PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos). <input type="checkbox"/> PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)). |
| | Avaliador 2 | <input type="checkbox"/> PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento forma inovadora e original. inédito). |

| | | |
|--|-------------|--|
| | | <input checked="" type="checkbox"/> PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos). <input type="checkbox"/> PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)). |
| | Avaliador 3 | <input type="checkbox"/> PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento forma inovadora e original. inédito). <input checked="" type="checkbox"/> PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos). <input type="checkbox"/> PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)). |
| | Avaliador 4 | <input checked="" type="checkbox"/> PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento forma inovadora e original. inédito). <input type="checkbox"/> PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos). <input type="checkbox"/> PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)). |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 08-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 07.

| Questão Avaliada | | |
|---|----------------|--|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| Abrangência territorial: refere-se a uma definição da abrangência de aplicabilidade ou replicabilidade do PE (local, regional, nacional ou internacional). Não se refere à aplicação do PE durante a pesquisa, mas à potencialidade de aplicação ou replicação futuramente. | Avaliador 1 | <input type="checkbox"/> Local <input type="checkbox"/> Regional <input type="checkbox"/> Nacional <input checked="" type="checkbox"/> Internacional |
| | Avaliador 2 | <input checked="" type="checkbox"/> Local <input type="checkbox"/> Regional <input type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/> Internacional |
| | Avaliador 3 | <input type="checkbox"/> Local <input type="checkbox"/> Regional <input checked="" type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/> Internacional |
| | Avaliador 4 | <input type="checkbox"/> Local <input type="checkbox"/> Regional <input type="checkbox"/> Nacional <input checked="" type="checkbox"/> Internacional |
| | | |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 09-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 08.

| Questão Avaliada | | |
|--|----------------|--|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| O PE apresenta explicitação do público ao qual o produto se destina. | Avaliador 1 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| | Avaliador 2 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| | Avaliador 3 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| | Avaliador 4 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 10-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 09.

| Questão Avaliada | | |
|---|----------------|--|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| O PE apresenta explicitação clara, sobre o nível de ensino (escolaridade) ao qual o produto se destina. | Avaliador 1 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| | Avaliador 2 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| | Avaliador 3 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| | Avaliador 4 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 11-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 10.

| Questão Avaliada | | |
|--|----------------|--|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| O PE apresenta de forma clara e objetiva o conteúdo curricular a ser abordado. | Avaliador 1 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| | Avaliador 2 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| | Avaliador 3 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| | Avaliador 4 | <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 12-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 11.

| Questão Avaliada | | |
|------------------------------------|----------------|--|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| Resultado final da avaliação do PE | Avaliador 1 | <input checked="" type="checkbox"/> aprovado <input type="checkbox"/> aprovado com modificações <input type="checkbox"/> reprovado |
| | Avaliador 2 | <input checked="" type="checkbox"/> aprovado <input type="checkbox"/> aprovado com modificações <input type="checkbox"/> reprovado |
| | Avaliador 3 | <input checked="" type="checkbox"/> aprovado <input type="checkbox"/> aprovado com modificações <input type="checkbox"/> reprovado |
| | Avaliador 4 | <input type="checkbox"/> aprovado <input checked="" type="checkbox"/> aprovado com modificações <input type="checkbox"/> reprovado |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Tabela 13-Resultado da Avaliação dos Juízes do Produto Educacional. Questão 12.

| Questão Avaliada | | |
|-------------------------------------|----------------|---|
| Critério de Análise | Avaliador/Juíz | Resposta do Avaliador |
| Observações/Sugestões do Avaliador. | Avaliador 1 | Produto Educacional muito relevante a área que se destina: o corpo docente do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda. O mestrando se refere à: "A SD, foi construída com uma carga horária de dez horas, divididas em cinco momentos de atividades de ensino-aprendizagem, em caráter presencial e a distância, porém não há identificação desses momentos, pois há 10 conteúdos programáticos. Poderia ser mais esclarecido na redação final do PE. |

| | | |
|--|-------------|--|
| | Avaliador 2 | Procurar a publicação do Livro: Morte e o Morrer, de Magali Boemer. Da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – EERP-USP. Vê se consegue publicação de livro sobre a morte e o morrer na comunidade afrodescendente e em outras culturas. |
| | Avaliador 3 | Em relação a ordem do conteúdo programático, sugiro que os Fundamentos Biológicos da Morte antecedam os Fundamentos Psicológicos, porém que sejam apresentados após os Fundamentos Históricos, Filosóficos, Antropológicos e Sociológicos, imagino ser uma melhor sequencia se apresentados dessa forma. |
| | Avaliador 4 | A morte é sempre muito cruel e trágica para o ser humano, uma vez que nunca sabemos ao certo o que é a morte e tampouco o morrer. Por causa disso, via linguagem criamos artifícios para suportarmos a ideia de que somos finitos e que seremos devorados pelo tempo. Diante deste quadro, acreditamos que seja importante se estudar todos os fundamentos: biológicos, filosóficos, sociológicos, teológicos, psicológicos e educacionais. Contudo, não podemos olvidar de que a morte deve ser estudada por uma perspectiva dos sentimentos, posto que seja aí aonde se sente e mensura a vida para valer. Nesse sentido, tomamos a liberdade de sugerir o estudo do filósofo alemão Friedrich Nietzsche na sua obra Assim Falava Zaratustra. Em relação ao corpus do trabalho, como se trata de uma dissertação gostaríamos de sugerir: Capítulo I – Breve histórico da morte Capítulo II – Os fundamentos da morte Capítulo III – Elementos mais importante: a estrutura dos sentimentos No mais, acreditamos que podemos contribuir com o trabalho pelo fato de estudarmos o assunto a mais de 20 anos e também por termos passado por uma experiência de quase morte quando fomos acometidos pela Síndrome de Guillain Barré, onde ficamos 18 dias na UTI e 40 hospitalizado. Ali experimentamos que a coisa mais profunda e importante para o ser humano são os seus sentimentos, principalmente quando eles são respeitados. |

Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Considerando o processo de avaliação dos especialistas em relação ao produto educacional, é importante destacarmos algumas considerações com finalidade de melhor compreensão e fins didáticos, sobre alguns critérios analisados pelos avaliadores. Quanto ao critério de complexidade de produto educacional os especialistas formaram maioria para afirmar que o PE está alinhado a prática profissional dos enfermeiros, que apresenta metodologia clara e objetiva boa fundamentação teórica. Em relação ao critério de impacto os avaliadores foram unânimes em afirmar que o produto educacional apresenta relação com o sistema educacional e com a prática profissional dos enfermeiros. Já em relação a aplicabilidade os avaliadores formaram maioria para afirmar que o produto possui fácil aplicabilidade junto aos profissionais, bem como, apresenta formato didático com facilidade para reprodução do material. Analisando a forma de acesso ao produto educacional os especialistas afirmam que ele apresenta acesso fácil, público e gratuito. Quanto ao critério de aderência os avaliadores foram unânimes em afirmar que o PE possui forte aderência à linha de pesquisa do mestrado. Quando analisado o critério de inovação os especialistas formaram maioria para afirmar que o produto educacional apresenta médio teor de inovação; apresentando apenas combinação ou compilação de conhecimentos e saberes já pré-estabelecidos.

Como resultado final do processo de avaliação do produto educacional realizado pelos especialistas, todos foram unânimes na aprovação do produto educacional, sugestionando apenas duas pequenas alterações, como a mudança na ordem dos conteúdos apresentados no PE e a inclusão de uma referência bibliográfica ao produto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo, e até os dias atuais, as ciências, mais especificamente as ciências humanas e sociais buscaram elementos que pudessem diferenciar o homem dos demais animais. Procurou de forma árdua identificar ou atribuir-lhes características que lhes fosse particular, exclusivamente do homem (Mlodinow, 2015). A busca da construção de um mundo antropocêntrico é um projeto antigo na história da humanidade, a ideia contemporânea de um período chamado de antropoceno, proposto por alguns cientistas, para ratificar o destaque da presença do homem e de suas ações sobre o planeta corrobora essa ideia. A busca de elementos que procura afastar o homem da condição de animal, de negação do poder dos instintos, também se faz muito antiga (Nietzsche, 2019).

Em consonância com o presente contexto, em um de seus muitos relatos de experiência, a antropóloga Margareth Mead, recorda que em uma dada apresentação de seus estudos, foi questionada por uma estudante, qual considerava o primeiro sinal de civilização em uma cultura. A estudante esperava que a antropóloga falasse de anzóis, bacias de barro ou pedras para amolar, mas não. Mead disse que, o primeiro sinal de civilização numa cultura antiga é a prova de uma pessoa com um fêmur quebrado e curado (Bona, 2023).

Mead explicou que, no resto do reino animal, se você quebrar a perna, você morre. Você não pode fugir do perigo, ir para o rio beber água ou caçar para se alimentar. Você se torna carne fresca para predadores. Nenhum animal sobrevive a uma perna quebrada o tempo suficiente para que o osso cure. Um fêmur quebrado que se curou é a prova de que alguém tirou o tempo para ficar com o que caiu, curou a lesão, colocou a pessoa em segurança e cuidou dele até que ele se recupere. "Ajudar alguém a passar pela dificuldade é o ponto de partida da civilização", explicou Mead. A civilização é uma ajuda comunitária. (Bona, 2023).

Assim sendo, os cuidados em todos os seus aspectos e dimensões, representa uma característica marcante que faz do homem um ser destacado, peculiar entre todos os demais animais. Romper com o ciclo do instinto e caminhar para a civilização. Assim, compreendemos que a história dos cuidados, em especial, os cuidados em

saúde, estão profundamente ligados à gênese do próprio homem e do seu sucesso enquanto grupo social, enquanto sociedade e como civilização (Neira; Ferrari, 2022).

Ao longo do processo evolutivo, ao despertar a consciência da sua fragilidade, diante de uma natureza selvagem, permitiu ao homem o surgimento de vários questionamentos, buscando assim, respostas para compreender a sua própria existência. Ao desenvolver a consciência da sua fraqueza, da sua fragilidade, do processo de adoecimento, o homem descobre a necessidade do cuidado, do auxílio do outro; como resposta ao seu adoecer e ao morrer (Klubler-Ross, 2017).

Diante desse contexto, a presente pesquisa procurou investigar quais são os conhecimentos/e ou saberes que os profissionais da Enfermagem, possuem sobre as dimensões da morte e do morrer; uma vez que, estes profissionais possuem como condição basilar de seu ofício, a prestação da oferta de cuidados em saúde às pessoas de uma forma geral, mas em especial, aos que se encontram enfermos, vivenciando os sofrimentos físicos e psicológicos causados por uma doença. E que nesse sentido, podem estar vivenciando sua última fase do ciclo de vida, que é o morrer. Seja por um acidente grave ou uma doença sem possibilidades de cura.

O presente estudo, trata-se uma pesquisa qualitativa, que utilizou o questionário, como recurso para a coleta de dados, junto ao público alvo, formados por Enfermeiros, lotados em diferentes setores do Centro Universitário de Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro. Segundo a pesquisa, a maioria dos participantes é composta por mulheres; e os profissionais possuem mais de dez anos de formados e com longa experiência na área da Enfermagem Assistencial. Os resultados do estudo, destacam ainda que, concordantemente na sua maioria, estes profissionais compreendem o processo de morte e morrer, como um processo de caráter natural, que faz parte da vida do homem; reforçando dessa maneira, a compreensão da morte na sua dimensão física e biológica. Ratificado pelas suas práticas de cuidados ao corpo durante o processo da doença, como também pelas práticas aplicadas ao corpo, no processo pós morte do paciente.

Além disso, o estudo também apontou de forma clara e objetiva, que os participantes do estudo, não tiveram contato de forma específica e direta com a temática da morte e do morrer durante o seu período de formação sua formação acadêmica, ou por meio da formação continuada. Seu contato, seus conhecimentos/e

ou saberes sobre a temática em estudo, são oriundos de contato indireto com o tema apresentado por outras disciplinas, como Psicologia da Saúde ou Assistência em Enfermagem. Fato corroborado quando analisamos a matriz curricular do curso de Enfermagem do UniFOA e percebemos a ausência de disciplinas específicas para a abordagem da temática da morte e morrer. Realidade comum e partilhadas por outras instituições de Ensino Superior Privada na Região Sul Fluminense.

Essa ausência de disciplinas específicas, na estrutura curricular, tratando da temática da morte e do morrer nos Cursos de Graduação em Enfermagem, deixa de certo modo, uma lacuna muito grande na apresentação, discussão do tema em questão durante o processo de formação acadêmica e profissional dos enfermeiros. Dessa forma, dificulta e impossibilita a oferta de cuidados integrais em saúde aos pacientes, sobretudo, aqueles que vivenciam um processo de adoecimento, por uma doença sem possibilidades de cura, colocando o doente no caminho do processo da finitude. Bem como, gera nos profissionais os sentimentos de medo, incapacidade, fragilidade, insegura, ansiedade diante de uma situação nova para eles.

Em relação aos sentimentos, emoções apresentado pelos profissionais quando vivenciam o contato com a morte e o morrer, no cotidiano do trabalho, afirmam que os sentimentos mais comuns são o medo, fragilidade, incapacidade, a angústia, a insegurança, a ansiedade, o afastamento por não saber como agir, como lidar, que atitudes tomar, que cuidados realizar, diante da situação do paciente e também da própria família do paciente. Esse quadro de comportamentos e atitudes ratifica a falta de preparo, de embasamento, de conhecimento, de procedimentos de como lidar, como agir em situações complexas, como o momento da morte e do morrer de um paciente.

Por isso, diante dos resultados encontrados e apresentados pela presente pesquisa, se faz necessário e urgente discutir a reformulação das DCNS para a formação em Enfermagem, de forma que, estabeleça orientações claras, objetivas e específicas que contemplem a formação dos profissionais em Enfermagem para o atendimento dos cuidados em saúde em todas as fases do ciclo de vida do ser humano, desde o nascimento até a morte. Compreendo a morte e o morrer, em todas as suas dimensões e pluralidades, para além da oferta de cuidados físicos e biológicos, pós morte.

Nesse sentido, é necessário e urgente, a atualização dos PPC dos Cursos de Graduação em Enfermagem, por meio de reformulações, sobretudo das suas matrizes curriculares, com a introdução de disciplinas específicas que atendam a formação para os cuidados no processo de finitude do ser humano, eliminando dessa forma, essa lacuna presente na formação dos profissionais da Enfermagem, na região Sul Fluminense.

Para que dessa forma, a temática da morte e do morrer possa estar presente dentro da acadêmica, abrindo espaços e movimentos para a elaboração da construção de uma Educação para a Morte, seja no plano do Ensino, da Pesquisa ou da Extensão. Nesse sentido, destacamos que o importante é trazer à tona reflexões, debates e ações que possam ampliar e qualificar a formação dos profissionais da Enfermagem, seja na sua formação inicial acadêmica, ou seja, na formação continuada desses profissionais.

E como um dos caminhos, das possibilidades para concretizar a qualificação desses profissionais, apresentamos aqui uma proposta de Sequência Didática, produzida no contexto de um produto educacional, com a temática Educação para a Morte, volta para os profissionais da Enfermagem, visando atualizar, ampliar e aprofundar os seus conhecimentos sobre a importância da compreensão das dimensões biológicas, históricas, sociais, antropológicas, sociológicas, psicológicas, espirituais e educacionais que a morte e o morrer possui, enquanto fase final do ciclo de vida humana. De como os cuidados para o morrer, são tão importantes e essenciais, quanto os cuidados para o nascer.

Neste sentido, compreendemos que cuidar da vida implica sobretudo, em cuidar da morte, pois a responsabilidade do profissional da Enfermagem, se faz com amparo da vida humana, nos seus opostos, ou seja, cuidar daquele que chega a esse mundo, do que nasce; como também, cuidar daquele que parte deste mundo, daquele que encerra seu ciclo de vida, que está no processo de vivenciar a sua finitude, que morre.

Portanto, cuidar daqueles que vivenciam seu processo de finitude, que vivencia a sua morte, exige uma reflexão profunda, uma compreensão ampliada sobre a morte e o morrer. Compreensão da morte e o morrer do paciente, mas sobretudo, compreender a sua a sua a finitude, a sua própria morte.

Ainda que, o presente estudo, venha ratificar pesquisas anteriores, sobre a temática da morte e do morrer, um dos limites desse estudo é o fato de o mesmo ter sido realizado apenas em um local, com um cenário específico e momento historicamente demarcados, apresentando assim, um contexto sociocultural muito particular. Desse modo, gostaríamos de destacar aqui, que se faz necessário a realização de mais estudos, mais pesquisas nesta área, em diferentes contextos e cenários, com ênfase a atuação dos profissionais da Enfermagem frente ao processo de morte e morrer, como uma realidade cotidiana dos desafios que são impostos no seu exercício profissional cotidiano.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AGRA, L.M.C; ALBUQUERQUE, L.H.M de. Tanatologia: uma reflexão sobre a morte e o morrer. **Pesquisa Psicológica** [serial online], v. 1, n. 2, 2008.

ALVES, Milena. **Características, elementos e importância do planejamento didático-pedagógico: uma revisão de termos e conceitos na área de ensino de ciências**. Dissertação, UNSP, 2018.

ANTONUCCI, Adriano Torres et al. Morte encefálica como problema bioético na formação médica. **Revista Bioética**, v. 30, n. 2, p. 272-283, 2022.

ARANTES, Ana Cláudia. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Leya, 2018.

ARAÚJO, Lucivaldo da Silva et al. Religiosidade, espiritualidade e a vivência do câncer: um estudo fenomenológico. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 30, 2022.

ARAÚJO, Michell Ângelo Marques. **Um modelo de cuidado espiritual para profissionais que lidam com a dor, o sofrimento e a morte** 2ª edição. Editora CRV, 2021.

ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, v.1, 1989.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômancos**. São Paulo, Martin Claret, 2003.

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BELLATO, R, Araújo, A. P, Ferreira, H. F., & Rodrigues, P. F. (2007). A abordagem do processo do morrer e da morte feita por docentes em um curso de graduação em Enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, 20(3), 255-263. <https://www.scielo.br/pdf/ape/v20n3/a03v20n3.pdf>.

BEZERRA, Leonardo Mendes; NEVES, Ricardo Carvalho. De Moiras a Tânatos: considerações a respeito da morte e do morrer para os profissionais da Enfermagem. **Revista INTERESPAÇO**, V.03, N.09, p, 27-48, 2017.

BIANCHI, Fabiano. **Educação e formação ética do médico: autoridade, responsabilidade e pensamento reflexivo sob o olhar de Hannah Arendt**. Dissertação, UFF, 2018.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Violência e religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo**. Edições Loyola, 2001.

BONA, Celito. **A moradia sustentável: um direito fundamental em formação**. Editora Dialética, 2023.

BORGES, Adriana Batista Amorim. **A mumificação do antigo Egito para os dias atuais: uma proposta para o ensino de ciências**. Monografia, Unb, 2019.

- BORGES, Jean Elyson Rodrigues et al. Entre a morte e a experiência da finitude: histórias e diálogos com o contemporâneo. **Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v. 13, n. 1, 2021.
- BOTEGA, Neury José. **Crise suicida: avaliação e manejo**. Artmed Editora, 2022.
- BRANDI, Mercia; URNAUER, Suellem Aparecida. A Eutanásia e o Direito à Morte Digna. **Revista Sociedade e Ambiente**, v. 4, n. 1, p. 137-156, 2023.
- Brasil. (2001). Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem. Medicina e Nutrição**. Brasília. Ministério da Educação.
- Brasil. (2018). Ministério da Saúde (BR). Gabinete do Ministro. Comissão Intergestores Tripartite. Resolução nº 41 de 31 de outubro de 2018.
- BRIKMAN, Lola. **A linguagem do movimento corporal**. Summus. Editorial, 2014.
- CABO, Gabrielle Carvalho Miguens. **Tradição oral e os caminhos para relações igualitárias de trocas de saberes na escola**. Monografia, UFRJ, 2023.
- CAPUTO, R.F. O Homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Saber Acadêmico**; n.º 06, dez. 2008.
- CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. Elsevier Brasil, 2017.
- CARVALHO, V. A. **A vida que há na morte**. In.: BROMBERG, M. H. P. et al. Vida e morte: laços da existência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- CHAGAS, Flomar Ambrosina Oliveira et al. **A Idade do Livro e o Silêncio da Biblioteca**. Tese, PUC-GO, 2010.
- CHAGAS, Juarez. **A morte e suas representações**. Paco Editorial, 2018.
- CIORAN, Emil. **Nos cumes do desespero**. Leya, 2020.
- COE, A. J. H. **A morte no século XIX e a transferência dos enterros das igrejas para os cemitérios em São Luís**, Revista Outros Tempos, V.02, N.02, 2005.
- COMBINATO, D. S; QUEIROZ, M. C. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, n. 002, p. 209-216, maio-ago. 2005.
- CONGAR, Yves. **Revelação e experiência do Espírito**. Paulinas, 2022.
- CORDEIRO, J. L.; WOOD, D. **A morte da morte: a possibilidade científica da imortalidade**. LVM Editora, 2020.
- CORREIA, Isabel; TORRES, Gilson. **O familiar cuidador face à proximidade da morte do doente oncológico em fim de vida**. **Rev. enferm. UFPE on line**, 2011.
- CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa:- Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.
- CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. **Projeto de pesquisa:- Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Penso Editora, 2021.
- CROGETTA, Maria Elesiane Damasio Cardoso. **Tentativa de suicídio: desejo de morte ambivalência entre viver e morrer**. Monografia, UNESC, 2013.
- DIEFENTHAELER, Inés Beatriz Firpo. **Das árvores às panelas no fogo: como nos tornamos humanos**. Monografia, UFRS, 2013.

- DORNFELD, Raquel Lima et al. Percepção dos profissionais de Enfermagem frente a processos de morte: influência da espiritualidade. 2017. Dissertação, UFTM.
- DURKHEIM, E. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes: 2011. Editora, Schwarcz-Companhia das Letras, 2011.
- ELIADE, Mircea. **Ferreiros e alquimistas**. Zahar ed., 1979.
- EPICURO. **Carta a Meneceu sobre a Felicidade e outras cartas**. São Paulo. Editora Principis, 1ª edição, 2021.
- Esquerdo, A. F., & Pegoraro, R. F. Contribuições da psicologia para a formação do técnico em Enfermagem: concepções dos alunos. **Rev. Psicologia em Estudo**, 15(2), 255-264. 2010.
- FAGUNDES, Luís Isaías Vargas. **Platão e a imortalidade da alma**. Revista Research, Society and Development, Vol. 10, N 12. 2015.
- FAVA, Rui. **Educação para o século XXI: a era do indivíduo digital**. Saraiva Educação AS, 2017.
- FAVA, Rui. **Trabalho, educação e inteligência artificial: a era do indivíduo versátil**. Penso Editora, 2018.
- FERRARI, Renata Rodrigues et al. Morte, **Religião e Bioética na Formação dos Profissionais da Saúde**. Revista Bioethikos, 2012.
- FERRAZ, Salma. A morte nas artes. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 6, n. 18, p. 75-110, 2014.
- FIOD JR, Jamil Jorge. **Somos Eternos**. Chiado Brasil, 2021.
- FIORINDO, Patricia Peixinho. **Educação para a morte: reflexão na e sobre a prática profissional em cuidados paliativos e contribuições para o BI**. 2018. Dissertação, UFBA.
- FRANCO, Clarissa de et al. **A cara da morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo**. Dissertação, PUC-SP, 2008.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. Contexto, 2001.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Editora Vozes, 2023.
- GOMES, Annatália Meneses de Amorim et al. **Educação Médica e Finitude da Vida: Abordagens para Melhoria de Saberes e Práticas**. Dissertação de Mestrado, 2017.
- GUHUR, Maria de Lourdes Perieto. A formação da consciência humana no modelo contextual dialético: a psicogenética de Henri Wallon. **Roteiro**, v. 30, n. 1, p. 93-114, 2005.
- HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: História Breve do Amanhã**. Elsinore, 2020.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 4 ed, 2020.
- INGOLD, Tim. **Antropologia: para que serve?** Editora Vozes, 2021.
- ISOPPO, Rodrigo Schames. **Ensaio sobre o morrer: como escrever sobre algo que não se fala?**. 2017.

- JASPER, Vitor. Entre Experimentos, Controvérsias e Invisibilidades: a constituição do transplante de órgãos como prática terapêutica. Ilha **Revista de Antropologia**, v. 23, n. 3, 2021.
- JOAQUIM, Cláudia Maria Guedes. **Imortalidade Técnica: A Modernidade Rumo a sua Última Consequência**. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2009.
- JONAS, Hans. **Técnica, medicina e ética: sobre a prática do princípio responsabilidade**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.
- KASTENBAUM, R; AISENBERG, R. **Psicologia da morte**. São Paulo: Pioneira, 1983.
- KOHAN, Walter. **Ensino de filosofia: Perspectiva**. Autêntica, 2017.
- KOVÁCS, M.J. **Educação para a Morte. Temas e Reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- KOVÁCS, M.J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo, Casa do Psicólogo. 1992.
- KOVÁCS, Maria Júlia. **Atitudes diante da morte: visão histórica, social e cultural. Morte e desenvolvimento humano**, São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 28-47, 1999.
- KRAMER, Sonia (Ed.). **Infância e educação infantil**. Papirus Editora, 1999.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer: O que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes**. WWF Martins Fontes, 2017.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortez Editora, 2017.
- LIMA BORBA, Fabiana et al. Morte e Morrer: Compreensão, Aceitação e Entraves da Equipe de Enfermagem. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 96, n. 40, 2022.
- LINS, Cynthia de Freitas Melo et al. O binômio morte e vida para idosos em cuidados paliativos. **Revista da SPAGESP**, v. 22, n. 2, p. 5-18, 2021.
- LIPP, Marilda. **Sentimentos que causam stress: como lidar com eles**. Papirus Editora, 2015.
- LIRA, Bruno Carneiro. **Práticas pedagógicas para o século XXI: a sociointeração digital e o humanismo ético**. Editora Vozes Limitada, 2019.
- LOPES, Nei. **Dicionário da antiguidade africana**. Editora José Olympio, 2021.
- LUZ, Madel T. et al. **Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna**. Editora Fiocruz/Edições Livres, 2019.
- LUFT, Lya. **Perdas e ganhos**. Record, 2023.
- MANDÚ, Edir Nei Teixeira. Intersubjetividade na qualificação do cuidado em saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 12, p. 665-675, 2004.
- MANIAKAS, Georgina Faneco. Metchnikoff e o instinto de morte. Voluntas: **Revista Internacional de Filosofia**, v. 11, n. 2, p. 264-273, 2020.
- MARANHÃO, J.L.S. **O Que é Morte**. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense, 1986.

- MAROQUIO, Vanusa Stefanon. Formação continuada de professores de matemática: reflexões sobre o conhecimento pedagógico do conteúdo a partir da implementação das diretrizes. Dissertação de Mestrado, IfES 2014.
- MARTINI, Renato. **Sociedade da informação: para onde vamos**. Trevisan Editora, 2017.
- MARTINS, Marize; LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Contribuições da Gestalt-terapia no enfrentamento das perdas e da morte. **IGT na Rede**, v. 11, n. 20, p. 01-39, 2014.
- MATOS, Gabriella Vanessa Gomes de. **Contribuições da perspectiva transpessoal participativa decolonial para (re) pensar a educação para a morte**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2021.
- MATOS, Viviane Lima da Silva et al. **As intermitências da morte e as fabulações em Saramago: ironia e paródia na crítica social e política**, Dissertação, PUC-GO, 2022.
- MATTEDI, M. A., & PEREIRA, A. P. Vivendo com a Morte: o processamento do morrer na sociedade moderna. **Cad. CRH**, 20(50). <https://doi.org/10.9771/ccrh.v20i50.1877>. 2007.
- MEDEIROS, Paula Fernanda Xavier et al. Pensar o cuidar no Morrer: entre a obstinação e a esperança. Dissertação de Mestrado, Unisantos, 2012.
- MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica**. Edições Loyola, 2002.
- MELGOSA, Julián; BORGES, Michelson. **O Poder da Esperança**. Casa Publicadora Brasileira, 2018.
- MENDES, Anna Alice Amorim. **Conhecimento e cuidado: desafios e tendências da medicina contemporânea**. Paco e Littera, 2019.
- MENON, Livia Maria Liberali et al. Tanatologia forense e odontologia legal: interface e importância na rotina pericial. **Odonto**, v. 19, n. 37, p. 15-23, 2011.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.
- MIRANDA, Suelen da Silva et al. A percepção de acadêmicos de Enfermagem sobre o processo de morte morrer no CTI. **Revista Cofen**, Volume 11, Número 3, 2020.
- MIYASHIRO, Rafael Tadashi. **Gestos da Escrita**. 2015. Tese de Doutorado. [sn].
- MLODINOW, Leonard. **De primatas a astronautas: a jornada do homem em busca do conhecimento**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2015.
- MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**. Trad.: Rosemary C. Abílio. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MORAIS, Maria Luiza Lima do Nascimento. A dimensão da afetividade no processo de ensino e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. 2022.
- MORIN, E. **O homem e a morte**. Publicações EuropaAmérica, s/d, 1997.
- MOTA, Thiago Eustáquio Araújo. Os funerais heroicos e a celebração dos mortos na Eneida de Virgílio: uma abordagem das práticas mortuárias na Antiguidade Romana. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 2, n. 4, p. 319-338, 2017.

- MUTSCHELE, Marly Santos; MORETTO, M. A. P. **E por falar em morte**. Paco e Littera, 2021.
- NASCIMENTO, Raysa Martins do. **Mãos mágicas: a prática do partejar a partir da experiência de parteiras tradicionais de Santana–AP**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2018.
- NEIRA, Marcos Garcia; FERRARI, Mario Luiz. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. Phorte Editora, 2022.
- NIETZSCHE, F. **Assim Falou Zaratustra**. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. LeBooks Editora, 2019.
- OLIVEIRA, Thales do Rosário de. **A morte na psicanálise e na literatura: Kafka e Camus**. 2022.
- OLIVEIRA, Adilson Silva et al. A morte e o morrer nos filmes love story e a culpa é das estrelas. **Prometeica-Revista de Filosofia e Ciências**, n. 10, p. 74-88, 2015.
- OLIVEIRA, Gustavo Palma. **Borges e a Filosofia: Questionando o Individualismo Moderno e Outras Coisas**. Paco Editorial, 2018.
- OLIVEIRA FERNANDES, Luiz Estevam. **1519: Circulação, conquistas e conexões na primeira modernidade**. Paco e Littera, 2021.
- OLIVEIRA GERALDES, João. Sobre a determinação da morte e a extração de órgãos: a reforma de 2013. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa**, v. 62, n. 1, p. 405-489, 2021.
- OLIVEIRA SOUZA, Kauany Andressa; RIBEIRO, Júlia Caroline Alves; XAVIER, Miguel Gustavo. A alquimia. **Scientia Naturalis**, v. 1, n. 1, 2019.
- PADILHA, Maria Itayra et al. **Enfermagem: história de uma profissão**. Difusão Editora, 2020.
- PEDREDA, Maria Eduarda Cardoso Pais. **Cuidados paliativos: o confronto do doente paliativo**. Tese de Doutorado, 2013.
- PERAZZO, Sergio. **Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim**. Editora Ágora, 2019.
- PEREIRA, Adriana Soares et al. **Metodologia da pesquisa científica**. Editora Atlas, 2018.
- PINHO, Licia Maria Oliveira. **Morrer**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2017.
- PIOVESAN, Josieli et al. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. E-book, 2018.
- PITANGA, Danielle. **Velhice, adoecimento e morte: uma estilística da existência**. Editora Dialética, 2022.
- PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- PORCINO, J.M. Araújo et al. A morte o morrer: a importância da escuta psicológica. **Journal of Medicine and Health Promotion**, v. 5, n. 1, p. 31-40, 2020.
- QUEIROGA, Mariene de Fátima Cordeiro de et al. **Raduan Nassar e a multidão como produção de singularidade**. Tese, UEPB, 2022.

- QUEIROZ, L.C. **A morte entre planos e performances: história das práticas funerárias no sertão alagoano (2000-2017)**. Monografia, UFAL, 2017.
- REGADAS, S. C. R. S. **Como pensa quem pensa? Um ensaio antropológico sobre o espírito**. Dissertação, FMUP, 2011.
- ROBINSON, A. **Escrita: uma breve introdução**. L&PM Pocket, 2018.
- RODRIGUES, J.C. **O tabu da morte**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006.
- RODRIGUEZ, Gabriel. **Estudo etnográfico sobre a morte e o morrer na freguesia dos Canhas**. Tese de Doutorado. Universidade Aberta, 2021. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.2/12138>. Acessado em 03 maio 2023.
- ROSA, Gilson Soares et al. **Expressão do religioso e os sepultamentos: as transformações no modelo cemiterial brasileiro**. Dissertação, PUC-GO, 2019.
- SACRISTÁN, José Gimeno. **O Currículo-: Uma reflexão sobre a Prática**. Penso Editora, 2019.
- San-Bento, M G L. **Estado vegetativo persistente: uma proposta de solução legal**. Universidade Lusíada do Porto. Dissertação de Mestrado, 2021. Disponível em <http://hdl.handle.net/11067/6476>. Acessado em 03 maio 2023.
- SANTOS, Christiane Teresa Aleixo et al. Percepção de acadêmicos de Enfermagem sobre o processo morte e morrer: implicações na formação profissional. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 3, 2020.
- SANTOS, Gidalva Lino dos. Henri Wallon e a visão integral de desenvolvimento humano. Monografia, PUC-SP, 2017.
- SANTOS, Renato Caio Silva; CUSTÓDIO, L. M. G. **Reflexões sobre a finitude: Concepções históricas, psicológicas e cognitivas sobre a morte**. Psicologia. Pt, 2017.
- SANTOS, F.S. Perspectivas histórico-culturais da morte. A arte de morrer: visões plurais. **Bragança Paulista: Comenius**, p. 13-25, 2009.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. Edusp, 2022.
- SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**. Trad. de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Autores Associados, 2021.
- SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.
- SCHOPENHAUER, Arthur. – **Metafísica do amor, Metafísica da morte**. Tradução de Jair Barboza; revisão técnica e da tradução de Maria Lúcia Cacciola. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SETTI, Luiz Antonio Penteado et al. Suicídio: uma reflexão discursiva e as possibilidades de ações preventivas a partir dos fatores de riscos. Dissertação de Mestrado, UNIVALI, 2010.
- SILVA, A. L. L. D., & RUIZ, E. M. Cuidar, morte e morrer: significações para profissionais de Enfermagem. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 20, 15-25.2021.

SILVA, D.S.D. A Equipe Interdisciplinar no Contexto Hospitalar. **Revista Brasileira de Pós-graduação**, V.18. n.38, p. 20, 2021.

SOARES, Cassia Baldini et al. Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na Enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 335-345, 2014.

SOLEDADE, Sunamita Gomes; DE SOUZA, Lígia Cláudia Gomes. **O Peso do Luto: Um Estudo Sobre as Representações da Morte e o Processo do Luto na Sociedade Contemporânea**. Epitaya E-books, v. 1, n. 10, p. 101-131, 2021.

SOUSA NEVES, Cecília et al. O problema do pós-humanismo na filosofia contemporânea e o questionamento de Feenberg. Tese de doutorado, UFMG, 2022.

SOUZA, M. B. A morte esperada. Disponível em: www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/jornal/mirellabravodesouza. 2006.

SOUZA, Ricardo Luiz de et al. *Socioantropologia*. 2015.

SURIS, Andreia. **Um olhar sobre as mulheres acusadas de feitiçaria pela terceira visitação do Santo Ofício na América Portuguesa (Grão-Pará, 1763-1769)**. Monografia, UFRS, 2015.

SUZUKI, Daisetz Teitaro. **Uma introdução ao zen-budismo**. Mantra, 2019.

TASCA, Mariana Goron et al. **A morte: centralidade e significado em Hans Jonas**. Tese de Doutorado, PUC-SP, 2021.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo. São Paulo, Editora UNESP, 2010.

TAVARES, Sérgio Luís. **Limites da vontade humana na construção do direito   morte digna no Brasil**. Editora Autografia, 2021.

T BAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação**. Editora Senac São Paulo, 2023.

TORRES, W.C. **A Psicologia e a Morte**. Rio de Janeiro. Ed. FGV. 1983.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Aula: g nese, dimensões, princípios e práticas**. Papyrus Editora, 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Técnicas de ensino: por que não?**. Papyrus Editora, 2013.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Zahar, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Autêntica Editora, 2019.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia** (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1996.

VILAR, M. **Luto e Morte: uma pequena revisão bibliográfica**. João Pessoa, 2000.

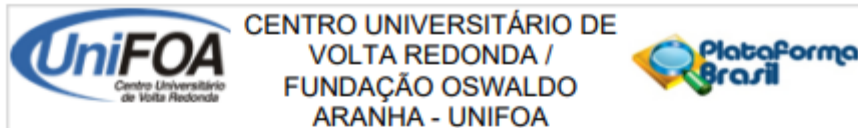
VILLAÇA, N zia. **A edição do corpo tecnociência, artes e moda**. Estação das Letras e Cores Editora, 2020.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Penso Editora, 1998.

ZANOTELLI, Germana Albuquerque Costa. **A relação dialógica na prática clínica do profissional fisioterapeuta e a visão integral do sujeito-paciente.** Tese de doutorado UFC, 2015.

ANEXOS

ANEXO 01



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESIGN SCIENCE RESEARCH: INOVAÇÃO TECNOLÓGICA O CONHECIMENTO DO ENFERMEIRO SOBRE A ABORDAGEM DA MORTE E DO MORRER

Pesquisador: GUILHERME FERREIRA PEREIRA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 70084723.2.0000.5237

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.251.270

Apresentação do Projeto:

Segundo o autor é uma pesquisa de caráter qualitativo com abordagem descritiva, utilizando da metodologia DESIGN SCIENCE RESEARCH, para investigar os conhecimentos que os profissionais da enfermagem possuem sobre os aspectos da morte e do morrer.

Objetivo da Pesquisa:

Converter conteúdo programático sobre o tema da morte e o fenômeno do morrer em material pedagógico para Docentes do Curso de Graduação em Enfermagem.

 Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Já analisados na primeira apresentação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

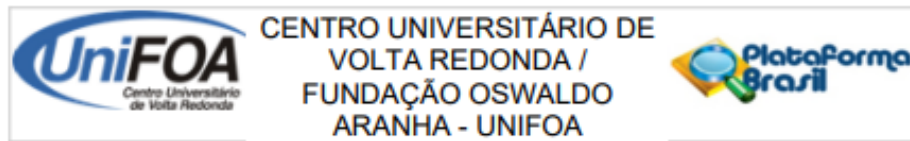
Foram atendidas as exigências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão em conformidade.

Recomendações:

Endereço: Avenida Dauro Peixoto Aragão, nº 1325
Bairro: Prédio 03, Sala 05 - Bairro Três Poços **CEP:** 27.240-560
UF: RJ **Município:** VOLTA REDONDA
Telefone: (24)3340-8400 **Fax:** (24)3340-8404 **E-mail:** cep@foa.org.br



Continuação do Parecer: 6.251.270

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|----------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2138767.pdf | 15/08/2023 15:30:28 | | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 15/08/2023 15:19:33 | GUILHERME FERREIRA PEREIRA | Aceito |
| Declaração de concordância | Cartaanuencia.pdf | 10/08/2023 09:36:07 | GUILHERME FERREIRA | Aceito |
| Folha de Rosto | FOLHADEROSTO.pdf | 15/05/2023 14:46:24 | GUILHERME FERREIRA | Aceito |
| Cronograma | CRONOGRAMA.pdf | 12/05/2023 16:19:52 | GUILHERME FERREIRA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETO.pdf | 12/05/2023 16:19:05 | GUILHERME FERREIRA PEREIRA | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | CARTACIENCIA.pdf | 12/05/2023 15:58:14 | GUILHERME FERREIRA | Aceito |
| Solicitação registrada pelo CEP | FOLHAROSTO.pdf | 12/05/2023 15:53:15 | GUILHERME FERREIRA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VOLTA REDONDA, 21 de Agosto de 2023

Assinado por:
Walter Luiz Moraes Sampaio da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Dauro Peixoto Aragão, nº 1325
Bairro: Prédio 03, Sala 05 - Bairro Três Poços CEP: 27.240-560
UF: RJ Município: VOLTA REDONDA
Telefone: (24)3340-8400 Fax: (24)3340-8404 E-mail: cep@foa.org.br

ANEXO 02



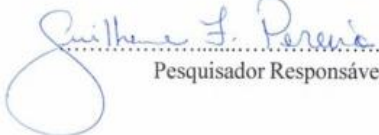
PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO

Venho por meio deste, solicitar autorização para a realização da pesquisa: “*DESIGN SCIENCE RESEARCH: INOVAÇÃO TECNOLÓGICA PARA O CONHECIMENTO DO ENFERMEIRO SOBRE A ABORDAGEM DA MORTE E DO MORRER*”, sob minha responsabilidade, conforme folha de rosto para apresentação ao Comitê de Ética e Pesquisa, na empresa Centro Universitário de Volta Redonda- UniFOA/RJ com CNPJ nº:32.504.995/0001-14, localizado na Pró- Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – Prédio 3, Sala 5; Campus Olezio Galotti, endereço Avenida Dauro Peixoto Aragão, nº1325, Três Poços, Volta Redonda/RJ, Cep: 27240-560, Contato telefônico: (24) 3340-8400- Ramal: 8571. E-mail: cep@foa.org.br, com horário de atendimento da secretária: Segunda a Sexta-feira- de 8h às 17h.

O objetivo da presente pesquisa é a identificação dos conhecimentos e saberes que os enfermeiros assistenciais lotados nesta Instituição e docentes do Curso de Graduação em Enfermagem possuem sobre os aspectos do fenômeno da morte e do processo de morrer; listar os sentimentos vivenciados pelos enfermeiros na sua vivência laboral sobre o processo de morte e morrer e elaborar uma estratégia pedagógica para consolidar os conhecimentos dos mesmos, sobre essa temática.

O processo de coleta de dados será realizado pelo pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa e ocorrerá através de entrevistas gravadas para posterior transcrição e devido tratamento dos dados coletados.

Atenciosamente,


Pesquisador Responsável

De acordo em / /20

IVANETE DA ROSA
SILVA DE
OLIVEIRA:80830099700

Assinado de forma digital por
IVANETE DA ROSA SILVA DE
OLIVEIRA:80830099700
Dados: 2023.07.20 14:05:33 -03'00'

(Nome, cargo / carimbo)

ANEXO 03



Fundação Oswaldo Aranha



Volta Redonda, 10 de maio de 2023.

Prof.(a). Dr.(a). Ana Paula Cunha Pereira (Orientadora)
 Prof. Dr. Carlos Marcelo Balbino (Coorientador)
 Orientador(a) do mestrando(a): **GUILHERME FERREIRA PEREIRA**
 Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COEPS

CARTA DE CIÊNCIA

Na qualidade de orientadora do mestrando Guilherme Ferreira Pereira venho, por meio desta carta, dar ciência que o referido mestrando pretende, com o aval do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, desenvolver uma pesquisa com o seguinte título: **DESIGN SCIENCE RESEARCH: INOVAÇÃO TECNOLÓGICA PARA O CONHECIMENTO DO ENFERMEIRO SOBRE A ABORDAGEM DA MORTE E DO MORRER**

Atenciosamente,

Nome: Ana Paula Cunha Pereira
 Orientadora do Mestrando

Nome: Carlos Marcelo Balbino
 Coorientador do Mestrando

Campus Universitário Cláudio Galvão
 Sede Administrativa
 Av. Paulo Etró Alves Abrantes, nº 1.325 - Três Poços
 27260-000 - Volta Redonda - RJ
 Tel.: (24) 3340-8400

Campus Universitário João Pessoa Fagundes
 Rua 28, n. 919 - Tangará
 27262-340 - Volta Redonda - RJ
 Tel.: (24) 3348-1441

Campus Universitário Porfírio José de Almeida
 Av. Lucas Evangelista, nº 802 - Aterrado
 27215-630 - Volta Redonda - RJ
 Tel.: (24) 3338-2784/3338-2925

Campus Universitário Colina
 Rua Nossa Sra. das Graças, nº 273 - Colina
 27253-810 - Volta Redonda - RJ
 Tel.: (24) 3348-8437

Campus Universitário José Vincipressa
 Shopping 16
 Rua 23 B, nº 39 - Vila Santa Cecília
 27260-130 - Volta Redonda - RJ
 Tel.: (24) 3348-5981

Campus Universitário Leonardo Melica
 Avenida Jangus, nº 1.584 - Retiro
 27271-130 - Volta Redonda - RJ
 Tel.: (24) 3344-1850

www.unifoa.edu.br

ANEXO 04

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP/UNIFOA

1-Identificação do Responsável pela Execução da Pesquisa:

Título do Projeto: *Design Science Research*: inovação tecnológica para o conhecimento do enfermeiro sobre a abordagem da morte e do morrer.

Coordenador do Projeto: Guilherme Ferreira Pereira

Contato do Coordenador do Projeto: 068 – 999250865 gwylhermy@yahoo.com.br

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa Avenida Dauro Peixoto Aragão, 1325, Três Poços-Volta Redonda-RJ.

2-Informações ao Participante ou Responsável:

a) Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que tem como objetivos: identificar os conhecimentos dos enfermeiros sobre os aspectos de morte e morrer, listar os sentimentos vivenciados pelo enfermeiro no processo de morte e morrer, e elaborar estratégia pedagógica para a melhora do conhecimento sobre o processo de morte e morrer.

b) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo que informam sobre sua participação nesta pesquisa.

c) Você poderá recusar a participar da pesquisa e poderá abandonar a entrevista a qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Durante o procedimento do questionário, você poderá recusar a responder qualquer pergunta que por ventura lhe causar algum constrangimento ou que não lhe deixe a vontade para responder. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação a seu trabalho desempenhado nesta instituição.

d) A sua participação como voluntário não proporcionará nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza, podendo se retirar do projeto em qualquer momento sem prejuízo a você.

e) A sua participação não envolve riscos físicos ou químicos, por se tratar de pesquisa que utiliza seus depoimentos através do questionário que serão destruídos após cinco anos do término da pesquisa. Existe um desconforto/risco mínimo para você ao se submeter à pesquisa, pois pode sentir tristeza em lembrar algumas situações. Além disso, disponibilizar tempo para falar da sua prática profissional, pode gerar sobrecarga em seu horário de descanso. Mediante a isso o pesquisador visa proporcionar um maior cuidado, e se necessário será feito um novo agendamento da entrevista. Segundo a Resolução 466/12 toda pesquisa com seres humanos

envolve risco ou desconforto, que se referem não apenas ao aspecto físico, mas também psíquico, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual.

f) Serão garantidos o sigilo e privacidade, sendo seu direito ter seu nome preservado, você receberá uma cópia deste termo, onde consta o telefone e E-mail do coordenador do Projeto, podendo tirar suas dúvidas a qualquer momento.

g) Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes.

h). Confirmando ter conhecimento do conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu consentimento.

Volta Redonda, ____ de _____ de 2023.

Participante: _____

ANEXO 05**APENDICE II - Roteiro de Entrevista - Etapa 1****ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – ETAPA 1*****DESIGN SCIENCE RESEARCH: ESTRATÉGIA PARA O CONHECIMENTO DO ENFERMEIRO E A ABORDAGEM DA MORTE E DO MORRER***

Setor de atuação profissional:

Tempo de serviço:

Sexo:

O que você sabe ou entende sobre os aspectos de morte e morrer?

Você teve alguma disciplina em sua grade curricular de graduação que abordava o processo de morrer e a morte?

Quais os sentimentos vivenciados por você no processo de morte e morrer em sua atividade laboral?

ANEXO 06



REVISTA
**CONTRIBUCIONES
A LAS CIENCIAS
SOCIALES**

Contribuciones a Las Ciencias Sociales

DECLARAÇÃO

A Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales, ISSN 1988-7833 declara para os devidos fins, que o artigo intitulado **“Revisão integrativa: a abordagem da morte e do morrer no curso de graduação em enfermagem”** de autoria de *Guilherme Ferreira Pereira, Leni Maria Leandro Eloy, Bruna Casiraghi, Carlos Marcelo Balbino*, foi publicado no v. 16, n. 10, p. 23077-23091.

A revista é on-line, e os artigos podem ser encontrados ao acessar o link:

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/issue/view/34>

DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.10-259>

Por ser a expressão da verdade, firmamos a presente declaração.

São José dos Pinhais, 26 de Outubro de 2023.

Equipe editorial



QR de validade da publicação

ANEXO 07

Ficha de Avaliação de Produto/Processo Educacional.

| I-Dados de Identificação | |
|---|--|
| Instituição | Centro Universitário de Volta Redonda. |
| Programa de Pós-Graduação | Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente. |
| Título da Dissertação | “Antes do sol se pôr: a abordagem da morte e do morrer no currículo de graduação em enfermagem.” |
| Título do Produto/Processo Educacional | Sequência Didática como Recurso Didático Pedagógico para a Abordagem da Morte e do Morrer no Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem. |
| Autores do Produto/Processo Educacional | Discente: Guilherme Ferreira Pereira |
| | Orientadora: Profa. Dra. Bruna Casiraghi |
| Público Alvo | Docentes do Curso de Graduação em Enfermagem do UniFOA |
| II-Itens de Avaliação do Produto/Processo Educacional | |
| Complexidade - compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional. | <input type="checkbox"/> O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese. <input type="checkbox"/> A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE. <input type="checkbox"/> Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese. <input type="checkbox"/> Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE. |
| Impacto – considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. | <input type="checkbox"/> Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do discente. <input type="checkbox"/> Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do discente. |
| Aplicabilidade – relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso compartilhamento que o PE possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas. | <input type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa. <input type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado. <input type="checkbox"/> PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição. |
| Acesso – relaciona-se à forma de acesso do PE. | <input type="checkbox"/> PE sem acesso. <input type="checkbox"/> PE com acesso via rede fechada. <input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito. <input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. <input type="checkbox"/> PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito. |

| | |
|--|---|
| Aderência – compreende-se como a origem do PE apresenta origens nas atividades oriundas das linhas e projetos de pesquisas do PPG em avaliação. | <input type="checkbox"/> Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado. <input type="checkbox"/> Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado. |
| Inovação – considera-se que o PE é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente, revisitado de forma inovadora original. | <input type="checkbox"/> PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento inédito). <input type="checkbox"/> PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos). <input type="checkbox"/> PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)). |
| Abrangência territorial: refere-se a uma definição da abrangência de aplicabilidade ou replicabilidade do PE (local, regional, nacional ou internacional). Não se refere à aplicação do PE durante a pesquisa, mas à potencialidade de aplicação ou replicação futuramente. | <input type="checkbox"/> Local <input type="checkbox"/> Regional <input type="checkbox"/> Nacional <input type="checkbox"/> Internacional |
| O PE apresenta explicitação do público ao qual o produto se destina. | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| O PE apresenta explicitação clara, sobre o nível de ensino (escolaridade) ao qual o produto se destina. | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| O PE apresenta de forma clara e objetiva o conteúdo curricular a ser abordado. | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não |
| Resultado final da avaliação o PE. | <input type="checkbox"/> aprovado <input type="checkbox"/> aprovado com modificações <input type="checkbox"/> reprovado |
| Observações/Sugestões do Avaliador. | |

*Adaptado de: Rizzatti, I. M. *et al.* Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657>. Acesso em 14 de dezembro de 2020.

ANEXO 08

23/08/2024, 08:56

Yahoo Mail - [CLCS] Agradecimento pela submissão

[CLCS] Agradecimento pela submissão

De: Revista Contribuciones (ojs@revistacontribuciones.com)

Para: gwylhermy@yahoo.com.br

Data: segunda-feira, 27 de novembro de 2023 às 15:42 ACT

GUILHERME FERREIRA PEREIRA:

Obrigado por submeter o manuscrito, " Ecologia e Morte: Ecologia e Morte" ao periódico CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES. Com o sistema de gerenciamento de periódicos on-line que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/authorDashboard/submission/3307>

Usuário: 2026guilherme

Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco. Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Editorial Team

[CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES](#)